

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Ciências Sócio-Organizacionais

Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel

**Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e
Sistemas Agroindustriais**



Dissertação de mestrado

**CONSTRUÇÃO DO SISTEMA AGROFLORESTAL DOCEIRO:
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL ATRAVÉS DA
AGROECOLOGIA E DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL**

Tatiana Porto de Souza

Pelotas, 2021

Tatiana Porto de Souza

**CONSTRUÇÃO DO SISTEMA AGROFLORESTAL DOCEIRO:
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL ATRAVÉS DA
AGROECOLOGIA E DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, do Centro de Ciências Sócio Organizacionais e da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciara Bilhalva Corrêa

Coorientador: Prof. Dr. Lúcio André de Oliveira Fernandes

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S719c Souza, Tatiana Porto de

Construção do sistema agroflorestal doceiro :
desenvolvimento territorial através da agroecologia e do
patrimônio cultural imaterial / Tatiana Porto de Souza ;
Luciara Bilhalva Corrêa, orientadora ; Lúcio André de
Oliveira Fernandes, coorientador. — Pelotas, 2021.

73 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Desenvolvimento territorial e sistemas agroindustriais,
Centro de Ciências Socio-Organizacionais, Universidade
Federal de Pelotas, 2021.

1. Sistema agroflorestal. 2. Tradição doceira. 3.
Agricultura familiar. 4. Produção agroecológica. 5. Troca de
saberes. I. Corrêa, Luciara Bilhalva, orient. II. Fernandes,
Lúcio André de Oliveira, coorient. III. Título.

CDD : 630.2745

Tatiana Porto de Souza

Construção do Sistema Agroflorestal Doceiro:

Desenvolvimento territorial através da agroecologia e do patrimônio cultural imaterial

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, Programa de PósGraduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, do Centro de Ciências Sócio Organizacionais e da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 29/06/2021

Banca Examinadora:

Profª Drª Luciara Bilhalva Corrêa – UFPel (Orientadora)
Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande

Profª Drª Patrícia Martins da Silva - UFF
Doutora em Sistemas de Produção Agrícola Familiar pela Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Mário Duarte Canever - UFPel
Doutor em Administração com ênfase em Agronegócios pela Wageningen University, Holanda

**Dedico esse trabalho à minha família,
em especial meus pais José Artigas e Gilce.**

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a minha mãe, por sempre estar comigo nas horas boas e ruins, me fortalecendo e acreditando em mim.

Agradeço também a minha irmã, por me aceitar e me respeitar, apesar se sermos tão diferentes, sendo minha companheira e amiga. Muitas vezes, me encorajando a seguir em frente. Ao meu pai, que apesar da distância e das divergências, me auxiliou, dando o suporte necessário.

Aos meus amados eternos, Billy e Lola, meus “maninhos dogs”, pelo amor incondicional, em todas as horas, inclusive quando eu mais precisava.

A todos meus amigos e familiares que me incentivaram estando por perto, sempre com gestos ou palavras de alegria e carinho.

Ao meu grande companheiro, amigo e incentivador Mathias Houvèssou, por todas as vezes que estive do meu lado, acreditando em mim e não me deixando desistir dessa jornada.

Às amigas que conquistei nessa jornada, Helenice Ávila, minha amiga de todas as horas Helê, por se tornar uma irmã, sempre presente, nas horas boas e ruins, me entendendo e “puxando a orelha” quando era necessário, e a Carolina Gonçalves e a Liciane Oliveira: meus momentos de aprendizado foram muito mais alegres e divertidos com um delicioso chimarrão e as rodas de conversa.

À minha colega e hoje amiga Alice Lourenson, que fez com que essa passagem fosse mais alegre e leve e aos meus colegas do PPGDTSA, sempre divertidos, um apoiando o outro.

À minha orientadora Dr^a Luciara Bilhalva Corrêa e coorientador Dr. Lucio André de Oliveira Fernandes, pela paciência e dedicação, acreditando na conclusão deste trabalho e me incentivando a não desistir e aos professores Mário Duarte Canever e Patrícia Martins da Silva por fazerem parte da banca e auxiliarem nesse trabalho.

Ao Grupo SAF Doceiro de Morro Redondo, grupo esse formado por pessoas maravilhosas e que me ensinaram a ver a vida de modo mais simples e alegre. Agradeço a disponibilidade em fazerem parte dessa pesquisa.

A todos que acreditaram e torceram por mim, que, de certa forma, passaram pela minha vida e se tornaram inesquecíveis.

Resumo

SOUZA, Tatiana Porto. **Construção do Sistema Agroflorestal Doceiro:** Desenvolvimento territorial através da agroecologia e do patrimônio cultural imaterial. 2021. 73f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, Faculdade de Administração e de Turismo e Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Esse estudo visou produzir conhecimento sobre o Grupo Sistema Agroflorestal Doceiro (SAF Doceiro), formado por agricultores, técnicos, pesquisadores e agentes da SMDRTur de Morro Redondo, visto que há poucos estudos nessa relação da agricultura sustentável e a preservação do patrimônio cultural. Diante da necessidade de mudanças na produção agrícola convencional, os sistemas agroflorestais, vertente da agroecologia, busca conferir autonomia, cultivo simultâneo, melhoria na qualidade do solo e retorno econômico. Com isso, o SAF Doceiro tem a intenção de salvaguardar a tradição doceira da região, reconhecida nacionalmente pelo IPHAN, como patrimônio cultural imaterial, a partir de frutas produzidas de forma agroecológicas, em sistemas agroflorestais. Nesse sentido, o estudo teve como objetivo analisar o Grupo SAF Doceiro a partir dos principais aspectos de participação e pertencimento ao Grupo. Foram realizadas observações participantes durante as reuniões do Grupo e foram realizadas entrevistas com participantes selecionados. Para a análise dos dados foi feita análise de conteúdo, com notas de campo, provenientes das observações participantes e das transcrições das entrevistas. A partir dessa análise, foram extraídos códigos que originaram categorias, subcategorias e temas, nos quais são Desenvolvimento territorial, Aspectos ecológicos e Tradição doceira. A grande maioria dos agricultores pertencem ao Grupo, dentre outros fatores, para aprendizado sobre SAF e troca de saberes, que se referem ao tema Desenvolvimento Territorial. Por outro lado, os relatos sobre a tradição doceira foram mais escassos entre os agricultores e mais predominantes entre os representantes das instituições. Além disso, a pesquisa mostrou que os aspectos de pertencimento ao Grupo relatados pelos integrantes nas entrevistas, estão sendo atendidos pelas ações do Grupo SAF Doceiro. Portanto, para a maioria agricultores, o Grupo possui a função de aprendizado, relacionamento, troca de mudas, além de aspectos ecológicos, principalmente para amenizar os períodos de seca. A inserção de novos agricultores, detentores do saber-fazer doceiro, bem como a divulgação do Grupo, devem estar dentre os incentivos do poder público, além de assistência técnica em todas as etapas para a produção e comercialização do produto agroflorestal.

Palavras-Chave: Sistema Agroflorestal. Tradição Doceira. Agricultura familiar. Produção agroecológica. Troca de saberes.

Abstract

SOUZA, Tatiana Porto. **Construção do Sistema Agroflorestal Doceiro:** Desenvolvimento territorial através da agroecologia e do patrimônio cultural imaterial. 2021. 73f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, Faculdade de Administração e de Turismo e Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

This study aimed to produce knowledge about the Grupo *Sistema Agroflorestal Doceiro* (*SAF Doceiro*), formed by farmers, technicians, researchers and agents of the SMDRTur de Morro Redondo, since there are few studies in this relation of sustainable agriculture and the preservation of cultural heritage. In view of the need for changes in conventional agricultural production, agroforestry systems, an aspect of agroecology, seek to confer autonomy, simultaneous cultivation, improvement in soil quality and economic return. With this, *SAF Doceiro* intends to safeguard the region's sweet tradition, recognized nationally by IPHAN, as an intangible cultural heritage, from fruits produced in agroecological ways, in agroforestry systems. In this sense, the study aimed to analyze the *SAF Doceiro* Group from the main aspects of participation and belonging to the Group. Participating observations were made during the Group's meetings and interviews were conducted with selected participants. For data analysis, content analysis was carried out, with field notes, from the participant observations and the interview transcripts. From this analysis, codes were extracted that originated categories, subcategories and themes, in which they are Territorial Development, Ecological Aspects and Sweet Tradition. The majority of farmers belong to the Group, among other factors, to learn about SAF and exchange knowledge, which refer to the theme Territorial Development. On the other hand, reports on the sweet tradition were scarcer among farmers and more prevalent among representatives of the institutions. In addition, the research showed that the aspects of belonging to the Group reported by the members in the interviews, are being attended to by the actions of the *SAF Doceiro* Group. Therefore, for the most of farmers, the Group has the function of learning, relating, exchanging seedlings, in addition to ecological aspects, mainly to mitigate drought periods. The insertion of new farmers, owners of the sweet know-how, as well as the disclosure of the Group, must be among the incentives of the public power, in addition to technical assistance in all stages for the production and commercialization of the agroforestry product.

Keywords: Agroforestry system. Sweet tradition. Family farming. Agroecological production. Exchange of knowledge.

Lista de Figuras

Figura 1	Mapa de localização e acesso do município de Morro Redondo	28
Figura 2	Etapas da Análise de Conteúdo.....	34
Figura 3	Mapa de localização aproximada das propriedades dos agricultores.....	39
Figura 4	Aspectos de pertencimento dos integrantes ao Grupo SAF Doceiro relacionados ao Desenvolvimento Territorial.....	41
Figura 5	Aspectos de pertencimento dos integrantes ao Grupo SAF Doceiro relacionados à Aspectos Ecológicos.....	49
Figura 6	Aspectos de pertencimento dos integrantes ao Grupo SAF Doceiro relacionados à Tradição Doceira.....	53

Lista de Quadros

Quadro 1 Encontros do Grupo Sistema Agroflorestal Doceiro.....	29
Quadro 2 Perfil dos agricultores entrevistados.....	39
Quadro 3 Perfil dos representantes das instituições entrevistados.....	40

Lista de Abreviaturas e Siglas

Emater/RS-Ascar	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
Embrapa	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
RS	Rio Grande do Sul
SAF	Sistema Agroflorestal
SMDRTur	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural e Turismo de Morro Redondo
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Sumário

1 Introdução.....	14
1.1 Problema de Pesquisa.....	17
1.2 Questões norteadoras.....	17
1.3 Objetivos.....	17
1.3.1 Objetivo Geral.....	17
1.3.2 Objetivos Específicos.....	17
2 Revisão da Literatura.....	19
2.1 Desenvolvimento Territorial Rural.....	19
2.2 Agroecologia.....	20
2.2.1 Sistema Agroflorestal (SAF).....	21
2.3 Patrimônio Cultural.....	22
2.3.1 Patrimônio Cultural Imaterial: Memórias e Saberes-Fazeres.....	23
3 Metodologia.....	25
3.1 Objeto de estudo.....	25
3.1.1 Histórico da Tradição Doceira da região de estudo.....	26
3.1.2 Localização do objeto.....	27
3.2 Contato com o Grupo SAF Doceiro.....	28
3.3 Instrumentos de coleta de dados.....	30
3.3.1 Observação Participante.....	30
3.3.1.1 Registro das observações participantes.....	30
3.3.2 Entrevistas.....	31
3.3.2.1 Seleção dos atores sociais para as entrevistas.....	31
3.3.2.2 Elaboração do roteiro de entrevistas.....	32
3.3.2.3 Realização das entrevistas.....	32
3.3.2.4 Registro das entrevistas.....	33
3.4 Análise dos Dados.....	33
3.4.1 Análise de Conteúdo.....	33
3.5 Aspectos éticos.....	35
4 Resultados e Discussão.....	36
4.1 Caracterização do Sistema Agroflorestal Doceiro.....	36

4.2 Perfil dos entrevistados.....	38
4.3 Análise e discussão dos dados.....	40
4.3.1 Desenvolvimento Territorial.....	41
4.3.2 Aspectos Ecológicos.....	49
4.3.3 Tradição Doceira.....	53
4.3.4 Outros aspectos observados.....	56
5 Considerações Finais.....	58
Referências.....	60
Apêndices.....	69

1 INTRODUÇÃO

O mundo vem passando por inúmeras transformações nas estruturas sociais, econômicas e ambientais ao longo dos anos. As novas formas de produção, bem como a interação da humanidade com o meio ambiente se modificaram, a ponto de a exploração ambiental ser maior que a sua renovação (MOREIRA, 2019).

Sobretudo no meio rural, principalmente quando se refere à produção agrícola, muito mais tecnicista, contaminante e desigual, o agronegócio se mostra como componente de uma agricultura industrial, com vastas concentrações de terras, com plantios de monocultura, não priorizando a produção de alimento, mas para a reprodução do próprio capital. Além disso, há um aumento considerável no uso de agrotóxicos ao longo dos anos¹. Nesse sentido, há fortes indícios na relação entre as áreas com maior intensidade de monoculturas com as altas concentrações de agrotóxicos, além das desigualdades existentes e que, por consequência, aumenta a violência no campo, seja pela disputa de terras indígenas e áreas de reforma agrária (SANTOS; CHAUI, 2013).

Essa modernização na agricultura, em sua grande parte, não englobou os anseios dos agricultores familiares, em integração entre os seus saberes e absorção das novas tecnologias (SOUZA; FLORIT; MARTINS, 2015). Contudo, novos debates, se fazem presentes, diante da urgência de um novo paradigma, o da sustentabilidade. Muitos agricultores, por diversas razões, não foram descaracterizados das suas tradições produtivas e alimentares, tendo a “dita” modernização, não os impactado por completo. Estes agricultores resistiram aos anseios da produção em larga escala e de monocultura, ocasionando a não eliminação do saber fazer, das receitas, ou seja, do legado agroalimentar de suas culturas produtivas. Leite e Menezes (2013), salientam que conforme o agronegócio vai se expandindo, os agricultores buscam diferentes oportunidades: alguns se rendem (por escolhas ou falta de outras oportunidades) aos modos de produção mecanizada, seja como força de trabalho,

1 De acordo com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), em seu relatório de comercialização de agrotóxico atualizado em 31 de outubro de 2019, o consumo de agrotóxicos teve um aumento de mais de 100% entre os anos de 2000 e 2018. Fonte: <http://ibama.gov.br/agrotoxicos/relatorios-de-comercializacao-de-agrotoxicos#historicodecomercializacao>.

fornecedor de matéria-prima ou inserção agroindustrial; outros, por desejo de permanência em seus territórios e preservação de seus saberes, “criam estratégias de reprodução social destinada à produção de alimentos identitários” (LEITE; MENEZES, 2013, p. 210).

Frente a isso, formas de agricultura que utilizam menos insumos (adubos, agrotóxicos, mecanização excessiva, etc) e propiciam uma maior inserção do agricultor familiar nas rotas alternativas de economia se fortaleceram, em contraposição a produção em larga escala, dando lugar a produtos de base agroecológica. Nesse sentido, a agroecologia se configura como esse novo paradigma, tanto científico, social como ambiental, propiciando uma menor degradação ambiental, e novas estratégias para o desenvolvimento sustentável (SOUZA; FLORIT; MARTINS, 2015; GLIESSMAN, 2000; ALTIERI, 1998).

Essa necessidade de mudança nos modos de produção agrícola, até então baseada na monocultura, mostra alternativas em resistência ao modelo vigente e já em esgotamento. A agroecologia, vista como uma agricultura sustentável e um movimento contrário, parcialmente, aos moldes capitalistas atuais de produção, prima por um reforço das raízes sociais e pela luta contra as desigualdades no campo (FERNANDES; COTRIM, 2019). Sendo assim, a agroecologia, mais do que uma forma de manejar a agricultura, no qual prezam a policultura e as unidades produtivas de agricultura familiar, é uma escolha política, pois vai de encontro ao sistema vigente, de monocultura, de latifúndio, o qual visa apenas o mercado.

Uma vertente da agroecologia que vem se destacando por sua autonomia, cultivo simultâneo, melhoria na qualidade do solo e retorno econômico é o cultivo em agrofloresta. Os Sistemas agroflorestais (SAFs) consistem em práticas de manejo que se baseiam no cultivo conjunto de espécies arbóreas (lenhosas e frutíferas) com práticas agrícolas, podendo ser acompanhadas por atividades de produção animal, o que se obtêm benefícios tanto das interações ecológicas quanto econômicas, proveniente dessas relações (REICHERT; CARDOSO; SCHIAVON, 2016; DUBOIS, 2008). Além disso, se constituem como sistemas de grande produtividade, eficientes na recuperação ambiental, tanto na fixação do carbono, como na de segurança hídrica (VEZZANI, 2013).

Nesse sentido, o Sistema Agroflorestal Doceiro (SAF Doceiro), objeto deste estudo, é um grupo com a intenção de salvaguardar as tradições doceiras da região, a partir de frutas produzidas de forma agroecológicas. Idealizado por entidades, como Embrapa, Emater/RS-Ascar e UFPel, com o auxílio da Secretaria de Desenvolvimento Rural e Turismo de Morro Redondo (SMDRTur), além de agricultores que se identificam com a agroecologia e com a cultura doceira, esse projeto busca não só formas ecológicas de agricultura, como preservar os saberes locais, disseminados por gerações e interação entre os produtores familiares.

O território em estudo trata-se de uma região com um índice expressivo de agricultores familiares, com crescente produção orgânica, tendo exemplos de grande referência na aplicação da agroecologia, tais como os agricultores familiares agroecológicos Cléu de Aquino Ferreira e Ênio Nilo Schiavon, muito procurados também para atividades de pesquisa e extensão (MARQUES; KRONE; CRUZ; SCHNEIDER, 2015). Contudo, a região, também é reconhecida por produtores do doce colonial, um produto que possui grande valor patrimonial e identitário. As tradições doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas, dos quais fazem parte os municípios Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo, Turuçu, obteve, em 2018, sua inscrição no Livro de Registro dos Saberes e reconhecimento como patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Atualmente, o IPHAN está instituindo uma Política de Salvaguarda desse Doce Colonial, através de conceitos, pesquisas e o próprio engajamento da comunidade, sendo o SAF Doceiro introduzido como um dos três eixos da Política de Salvaguarda do doce colonial que seria eles: urgência do diálogo do IPHAN com a Vigilância Sanitária, para que a norma se adeque a tradição, visto que, atualmente, o modo de fazer o doce tradicional, no tacho de cobre e com a colher de pau, não se encontra dentro das normas; Educação Patrimonial, principalmente nas escolas; e o SAF Doceiro, visto como patrimônio Alimentar (salvaguarda de práticas e significados e não somente receitas).

A importância de se produzir conhecimento sobre o SAF Doceiro é, justamente, por ser um sistema agroflorestal temático, havendo estudos quase inexistentes nessa relação da agricultura sustentável e a preservação do patrimônio cultural. Essa unificação entre agroecologia com aspectos da identidade local, pode contribuir para

o desenvolvimento territorial rural em diferentes aspectos: cultural, social, ambiental, econômico, turístico, educativo, científico, ecológico, sustentável. Nesse sentido, justifica-se a necessidade desse estudo, o de produzir conhecimento acerca do grupo SAF Doceiro.

1.1 Problema de Pesquisa

Quais os principais aspectos que faz com que os integrantes participem ou pertençam ao grupo Sistema Agroflorestal Doceiro (SAF Doceiro)?

1.2 Questões norteadoras

- O SAF Doceiro irá auxiliar o agricultor familiar a desenvolver o Sistema Agroflorestal em sua propriedade?
- O SAF Doceiro incentivará na Política de Salvaguarda do saber-fazer do Doce Colonial da região?
- O SAF Doceiro possibilitará outras atividades não-agrícolas na propriedade?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar o grupo SAF Doceiro a partir dos principais aspectos de participação e pertencimento ao Grupo, e as perspectivas de contribuição para preservação do patrimônio cultural imaterial relacionado às práticas doceiras.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o processo de construção e articulação do Grupo SAF Doceiro e seus impactos;
- Compreender como se estabelecem as relações entre os integrantes;

- Analisar os aspectos agroecológicos do Grupo SAF Doceiro e de seus integrantes;
- Identificar a relação do integrante com a tradição doceira;
- Investigar se há intenção de outras práticas não agrícolas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Anterior às discussões sobre agroecologia, SAFs e patrimônio imaterial, é necessário compreender as principais relações que se estabelecem quanto ao desenvolvimento territorial, principalmente na área rural. Nesse sentido, foi realizada uma breve introdução sobre desenvolvimento territorial rural.

2.1 Desenvolvimento Territorial Rural

Parte-se do pressuposto que território, não é um mero espaço geográfico, nem ao menos uma dimensão espacial econômica, ele é construído por relacionamentos, e resultado das inter-relações multidimensionais e complexas, entre os ecossistemas e as atividades humanas, tendo como base raízes históricas, influências políticas e identidade (SANTOS; PALAVIZINI; CATALÃO, 2019; ABRAMOVAY, 2000).

Uma crítica importante dos textos de Abramovay (2000), Veiga (2002) e Favareto (2010) refere-se ao fato de que, na discussão a respeito de desenvolvimento de territórios, ainda, não se leva em consideração as realidades dos atores sociais envolvidos, suas especificidades e aptidões, considerando apenas, o desenvolvimento territorial como estritamente econômico elaborado através de discursos institucionais para impor “moldes” generalistas a serem implantados nesses territórios. Nesse sentido, o agente ou a rede social existente, estaria inserido no processo de desenvolvimento, tornando esses atores protagonistas, e não apenas receptores de políticas públicas, sem poder de engajamento e de decisões. Segundo González, Pereira e Dal Soglio (2015), o entendimento dos processos externos, se dá por processos antropológicos, a partir de aspectos endógenos, por meio de uma reflexão das ações dos atores, e assim eles poderem agir para o desenvolvimento.

Long e Ploeg (1994), partem do pressuposto de que para se atingir o desenvolvimento, em sua análise sobre a Perspectiva Orientada ao Ator, o novo conceito de estrutura deve estar centrado no ator, sem deixar as relações sociais e as instituições de lado, visto que é ele que vai ter o poder de tomada de decisões, individuais, mas baseadas no coletivo formando projetos para serem debatidos na

comunidade. Os mercados e outras externalidades são muito importantes, no entanto a principal causa é o próprio estilo de agricultura que irá definir o desenvolvimento rural, já que ele é construído socialmente. A noção de intervenção planejada também necessita de uma desconstrução, no qual ela deve ser construída e negociada a partir dos atores envolvidos, e não como um plano dado de forma vertical, um "molde" (LONG; PLOEG, 1994).

Com isso, o desenvolvimento territorial rural depende não só de condições econômicas, mas como mecanismo de diversidade culturais, conhecimentos e modos de vida, no qual os atores sociais são os protagonistas do seu próprio território, gerando novas configurações do espaço, sejam elas sociais, culturais, econômicas, políticas ou ambientais.

2.2 Agroecologia

A agroecologia vem aparecendo no cenário agrícola, em contraposição aos princípios do agronegócio. Ela envolve uma agricultura sustentável, e tem em sua construção um caráter coletivo, preservando justiça, social, política e econômica, no campo com a produção de alimentos e insumos saudáveis ao consumo humano (SOUZA, 2019).

Neste cenário, a agroecologia se mostra como um meio de produção de alimentos que busca suprir uma demanda emergente por produtos ecológicos e se mostra como uma alternativa ao círculo vicioso dos agrotóxicos, ao mesmo tempo em que preza pela cidadania no campo, e inclui novos sujeitos e funções na agricultura. Wezel et al. (2009), argumenta que a expressão agroecologia pode ser entendida por três vertentes: como ciência, como movimento social e como prática, o que sugere uma diversidade de dimensões a serem consideradas para sua definição conceitual. Assim, o manejo agroecológico pressupõe relações que prezem a sustentabilidade como: produção sustentável, ou ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de incentivo ao consumo consciente.

Lourenço et al. (2016), salientam que a agroecologia é permeada pela dimensão ecológica, que trata do manejo como preservação e recuperação ambiental; dimensão socioeconômica e cultural no qual a prática agroecológica pressupõe a

participação na elaboração, para se ter desenvolvimento local e; dimensão sociocultural e política, que introduz o conhecimento científico no conhecimento tácito, com o intuito de uma biodiversidade sociocultural. Sob essa perspectiva, se traduz não somente como uma forma de agricultura, mas de reconhecimento do homem junto à natureza, de forma autônoma, descobrindo e aprimorando meios sustentáveis de produção agrícola e biodiversa.

2.2.1 Sistema Agroflorestal (SAF)

A modernização conservadora dos modos de produção agrícola, no qual ainda prevalece nos dias atuais, acarreta inúmeras consequências econômicas, sociais e ambientais. Ainda, todos os ciclos econômicos, envolta da história do Brasil, estiveram baseados no desaparecimento de florestas e sem a devida atenção quanto à extinção dos recursos naturais (SOUZA, 2019; GLIESSMAN, 2000; ENGEL, 1999).

Os desafios a serem enfrentados na agricultura atual, no qual se tem muitas tecnologias disponíveis, mas imensas desigualdades, que as tornam inacessíveis a grande parte da população rural, são enormes. Além disso, a contaminação no campo, por agrotóxicos traz uma ilusão de aumento de produtividade agrícola em um prazo curto, no entanto as consequências ao meio ambiente, à saúde das pessoas e à própria produtividade ainda são uma incógnita (DAL SOGLIO, 2016).

Os sistemas agroflorestais (SAFs), vistos como um novo paradigma na agricultura, tiveram seu início, como conhecimento científico, a partir da década de 1970, quando se verificou a relevância da função das árvores em solos tropicais (ENGEL, 1999). Para Engel (1999) as árvores beneficiam direta e indiretamente o sistema no controle da erosão, fertilidade do solo e crescimento da biodiversidade, diversificando a produção e determinando o ciclo de manejo por mais tempo em uma área. Esses fatores proporcionam uma maior funcionalidade e autonomia do sistema. Nos sistemas agroflorestais, se faz uso do solo, combinando espécies florestais com o cultivo agrícola ou, até mesmo com criação de animais (SILVA et al., 2019).

Além disso, no âmbito social, as agroflorestas proporcionam novas formas de relações sociais. Exemplo disso é o caso da Cooperafloresta², que incrementou formas de reprodução social, no qual contribuiu para a inclusão social, baseado na solidariedade e reciprocidade e valorizando a produção do próprio agricultor (RODRIGUES; FERREIRA, 2013). Sob outro ponto de vista, o agricultor tem papel fundamental no êxito do SAF, que com o amparo técnico, tem que ter a capacidade de experimentar a associação de novas culturas, bem como com animais, transformando esse espaço com um processo experimental, de inovação, em um conjunto de conhecimento empírico com conhecimento científico (ABDO; VALERI; MARTINS, 2008).

Nesse sentido, o SAF é um tipo de agricultura que promove maior sustentabilidade, pois tem capacidade de proporcionar viabilidade econômica, promove segurança alimentar, incentiva a biodiversidade e proporciona saúde e qualidade de vida ao agricultor (DUBOIS, 2008).

2.3 Patrimônio Cultural

A palavra patrimônio pode ter inúmeros contextos, mas muito do seu significado é atribuído ao ato de possuir algo, como é o caso de patrimônio relacionado ao caráter econômico dos bens, de propriedade. No entanto, a existência de se atribuir ao patrimônio, um caráter coletivo, não está no ato de acumular, mas de preservar, perpetuar o bem, pois carregam diferentes significados, tanto práticos, como simbólicos (GONÇALVES, 2009).

Partindo da definição de Patrimônio Cultural, segundo Barretto (2006) até a primeira metade do século XX, patrimônio cultural esteve intimamente associado ao poder e prestígio das classes e tinha um sentido restrito de materialidade ou bens materiais como monumentos, prédios, pintura e escultura. Contudo, com o decorrer do tempo este conceito se tornou bem mais abrangente, incluindo como Patrimônio

² A Cooperafloresta é uma Associação de Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo e Adrianópolis e “é uma associação que tem como objetivo a inclusão social dos associados e a recuperação ambiental do território local, por meio da valorização dos recursos dos próprios agricultores familiares, na adoção da agroecologia com o uso de técnicas agroflorestais” (RODRIGUES; FERREIRA, 2013).

Cultural tanto os bens materiais, como também os imateriais e, esta mudança se deu juntamente com as modificações do conceito de história e se consolidou depois da Segunda Guerra Mundial. Essa mudança ficou conhecida como *nouvelle histoire*, ou Nova história - que analisa não só a “história oficial”, baseada em batalhas e grandes acontecimentos, mas também tudo o que está relacionado ao período, como o cotidiano, as estruturas sociais e as mentalidades. (BARRETTO, 2006).

Atualmente já existem órgãos como a UNESCO, a nível mundial, e o IPHAN, a nível nacional, que auxiliam em diretrizes para a gestão e conservação dos patrimônios culturais. No entanto, as políticas referentes ao patrimônio precisam abranger as reais necessidades locais. Yilmaz e El-Gamil (2018) em seu estudo de análise da gestão do patrimônio cultural na Turquia e no Egito, países ricos em artefatos culturais e paisagens naturais, argumentaram que essa gestão relacionada com práticas preconizando a sustentabilidade, vem crescendo ao longo dos anos, na medida em que se encontram dificuldades em sua conservação. A avaliação dessas gestões do patrimônio se deu por aspectos como estrutura legal e estrutura institucional, recursos e desafios atuais, referentes às políticas patrimoniais desses países.

Com isso, o patrimônio cultural ganha novas configurações quando está relacionado a uma identidade coletiva, e não somente de uma elite dominante, incluindo temas até então marginais para os intelectuais, como as memórias regionais ou locais. São essas narrativas ou memórias de uma localidade, que possibilita uma construção identitária específica local (ABREU; CHAGAS, 2009).

2.3.1 Patrimônio Cultural Imaterial: Memória e Saberes-fazer

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2020), Patrimônio Imaterial ou Intangível envolve as expressões culturais de modos de vida e tradições que comunidades, grupos e indivíduos recebem de seus antepassados e passam seus conhecimentos e saberes a seus sucessores. A palavra Patrimônio, no seu sentido real dá ideia de pertencimento, de que algo pertence a alguém ou a algum lugar. É reconhecer o significado do bem para que ele seja perpetuado no tempo.

Os saberes, propagados de geração em geração, estão relacionados a uma identidade em comum, fazendo com que se unam as memórias locais através de um sentimento de pertencimento, buscando elos identitários (CARVALHO *et al.*, 2015).

A memória social tem papel fundamental nesses vínculos identitários, pois segundo Maurice Halbwachs (1990), particularmente, a memória individual refere-se sempre à interação com um grupo, pois essas lembranças estão ligadas a imaginários coletivos. Nesse sentido, esse processo identitário, transformado em patrimônio, acaba por legitimar a memória social.

Para Pelegrini (2008), ao mesmo tempo em que a globalização homogeneizou certas culturas, houve a valorização de características dos povos como uma reafirmação do passado, através de seus saberes e memórias. Ainda, a autora ressalta a relevância das pesquisas sobre os aspectos culturais locais, uma vez que auxilia na salvaguarda das tradições e dos saberes tradicionais (PELEGRINI, 2008).

No trabalho de Rieth, Silva e Kosby (2015), analisando a transmissão do saber-fazer doceiro, analisam que essa transmissão do conhecimento se dá por gerações familiares, ditando o que é tradicional para o reconhecimento da identidade. Sobre outro ponto de vista, os autores relatam que, atualmente, por os doces estarem nas rotas econômicas, através de seu valor patrimonial, há um processo de invenção de novos produtos vinculados a tradição (RIETH; SILVA; KOSBY, 2015).

Sendo assim, nesse processo de globalização de territórios e equalização de culturas, é que o patrimônio imaterial, com seus costumes, crenças e identidades sociais, perpetuam e salvaguardam tradições valiosas e com significados de memórias. No entanto, há casos de essa transmissão tende a fracassar por obstáculos enfrentados pelos transmissores na questão de perda de identidade com a memória social (FERREIRA; CERQUEIRA, 2012). Nesse sentido, as políticas de salvaguarda das tradições e bens imateriais se fazem cada vez mais necessárias na perpetuação e sustentabilidade da identidade dos povos.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa configura-se como uma pesquisa qualitativa, no qual as opiniões, os significados das palavras, os hábitos dos pesquisados são considerados, a partir do levantamento dos dados, priorizando a subjetividade e explorando ao máximo, aspectos sociais (VIEIRA, 2009). Para Flick (2009), essa técnica de pesquisa tem sua relevância baseada na possibilidade de entender a diferenciação dos objetos de pesquisa, devido à grande complexidade das relações sociais atuais, com enfrentamento de novos contextos e pluralidades complexas. Esse meio de pesquisa é atribuído ao entendimento de um problema social, no qual o foco de investigação é na interpretação de uma situação complexa, que se dá um significado individual (CRESWELL, 2010).

As pesquisas sociais têm um caráter histórico. Quando se argumenta sobre o objeto social estudado, ele não é algo permanente ou com base experimental, ele é dinâmico, provisório e específico e, por essas características, a pesquisa social é a vivência do presente, confrontando o passado com o futuro, fazendo-se entender os grupos de forma individual e coletiva (MINAYO, 2001).

Além disso, este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso descritivo. Para Gil (2010), essa modalidade de pesquisa faz uso de um aprofundado estudo sobre determinado fenômeno ou objeto, tendo o seu conhecimento pesquisado de forma detalhada e ampla. Os objetivos dessa modalidade é o de verificar que influenciam o problema e são influenciados por ele.

3.1 Objeto de estudo

O objeto de estudo é o grupo denominado Sistema Agroflorestal Doceiro (SAF Doceiro), formado por agricultores familiares, extensionista da Emater/RS-Ascar, pesquisadores da Embrapa e Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e representante da administração local de Morro Redondo. A ideia de construção desse grupo surgiu por a região de Pelotas e Antiga Pelotas, que envolve os municípios Pelotas, Turuçu, Morro Redondo, Arroio do Padre e Capão do Leão ter sido reconhecida, em 2018, como Patrimônio Imaterial do Brasil por sua Tradição Doceira

através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Morro Redondo reunir grande parte dos produtores de doces coloniais tradicionais.

Foi desenvolvida então, a proposta de se fazer um SAF Doceiro Demonstrativo. A área destinada para o plantio do SAF Doceiro Demonstrativo pertence à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural e Turismo do município de Morro Redondo, e pretende servir de demonstração, para oportunizar aprendizados e troca de experiências aos interessados no tema e incentivar novos agricultores nesse tipo de agricultura em suas propriedades.

3.1.1 Histórico da tradição doceira da região de estudo

O município de Morro Redondo faz parte da região da Serra dos Tapes, localizada ao sul do estado do Rio Grande do Sul e compreende ainda, a parcela de serra dos municípios de Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão, Pelotas, São Lourenço e Turuçu. O doce colonial produzido nessa região se originou de um processo histórico baseado em diferentes etnias que a compõe.

Inicialmente, a região se destacou economicamente por sua indústria saladeiril, com presença de mão-de-obra escrava na produção do charque, entre final do século XVIII até meados do século XIX (SALAMONI; WASKIEVICZ, 2013). Os escravos dessa região, visto os árduos trabalhos a que eram submetidos, organizavam fugas pelas matas, o que geraram inúmeros quilombos nas terras íngremes da Serra dos Tapes (SALAMONI; WASKIEVICZ, 2013).

A partir de 1849, segundo Salamoni e Waskiewicz (2013), por uma Política do Governo Geral, inicia-se a criação de colônias, por irlandeses e alemães prussianos, respectivamente formando as colônias de Nova Cambrigde e Monte Bonito e, em 1879 imigrantes franceses, formam a Colônia Santo Antônio. Vale ressaltar, que essa região, composta por terrenos íngremes, e considerada de difícil cultivo, foi a escolhida para serem cedidas aos colonos imigrantes (SALAMONI; WASKIEVICZ, 2013).

A partir disso, outros grupos de imigrantes começam a povoar a região, como alemães, pomeranos e italianos, caracterizando a região como de produção de agricultura de pequena propriedade familiar, gerando uma produção diversificada e

independência financeira. Nesse sentido, a diversidade cultural existente na região, é originária dessa fusão de etnias presentes no território, e que deu origem ao doce colonial.

A tradição do saber-fazer o doce colonial remonta a chegada dos imigrantes até meados do século XIX, quando a partir da matéria-prima de frutas como pêssego, pera, uva e frutas cítricas, que eram cozidas em uma calda de açúcar (RIETH; SILVA; KOSBY, 2015).

Os doces coloniais, inicialmente, eram feitos para o consumo das próprias famílias. Já, a partir do século XX, eles começaram a comercializar esses doces na zona urbana, como uma fonte de renda (RIETH; SILVA; KOSBY, 2015). Segundo Rieth, Silva e Kosby (2015) os principais doces comercializados eram pessegada, marmelada, figada, goiabada e passa de pêssego, nos quais até hoje são preparados e apreciados por muitas pessoas. Ainda, por serem doces de frutas, são sazonais e, tradicionalmente feitos em tachos de cobre, colher de pau e no fogão a lenha.

Esse modo de saber-fazer o doce colonial sempre foi transmitido aos descendentes familiares, seja para melhorar a renda familiar, através da mão-de-obra, mas também, pela preocupação mais recente de preservar a tradição e a identidade familiar (RIETH; SILVA; KOSBY, 2015). Por outro lado, para a adequação as normas sanitárias, muitos dos utensílios utilizados, como o tacho de cobre e a colher de pau, artefatos de extrema importância para que a consistência e sabor do doce sejam os autênticos coloniais, necessitam ser substituídos, se mostrando como uma interrupção dos modos tradicionais de produção doceira (RIETH; SILVA; KOSBY, 2015).

3.1.2 Localização do objeto

O Sistema Agroflorestal Demonstrativo, está localizado no município de Morro Redondo (Figura 1), Rio Grande do Sul, mais precisamente em área destinada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural e Turismo do município.

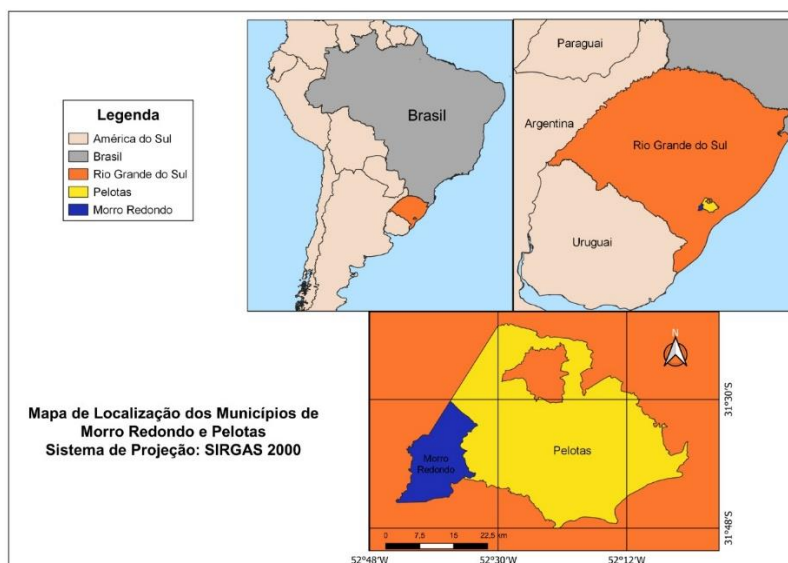


Figura 1 – Localização do município de Morro Redondo.
Fonte: Elaborado por Carolina da Silva Gonçalves, 2021.

3.2 Contatos com o Grupo SAF Doceiro

O primeiro contato da pesquisadora com os integrantes do Grupo ocorreu através dos encontros mensais, na segunda reunião planejada do Grupo SAF Doceiro. Esses encontros ocorrem, preferencialmente e ordinariamente, as segundas-feiras da segunda semana de cada mês. Esses encontros iniciaram no mês de julho de 2019 e até o mês de outubro de 2020, ocorreram 17 encontros: dez ordinários e sete extraordinários. No mês de outubro de 2019, não houve encontro devido ao alto volume de chuvas.

O local escolhido para os encontros é um espaço cedido na Secretaria de Desenvolvimento Rural e Turismo de Morro Redondo (SMDRTur), em mesma área que se encontra o SAF Doceiro Demonstrativo. Os encontros do mês de julho de 2019, o extraordinário do mês de janeiro de 2020 e o de março de 2020, foram realizados em propriedades dos agricultores e o do mês de novembro de 2019 foi realizado na sede da Emater/RS-Ascar de Morro Redondo. Ainda, devido a pandemia, houveram dois encontros de forma remota, em plataforma online, nos meses de julho e agosto de 2020.

O evento inicial, para a apresentação do SAF Doceiro à comunidade se deu em junho de 2019 e teve como objetivo construir coletivamente a ideia do SAF Doceiro e

identificar os principais interessados em formar o Grupo. Nas reuniões posteriores, cada encontro contou com um tema já pré-definido na reunião anterior ou, antecipadamente, por grupo em aplicativo de conversa *Whatsapp*. Nos encontros não são feitas atas, somente é assinado uma lista de presença. Abaixo seguem as datas e os temas de cada encontro (Quadro 1):

ENCONTROS SISTEMA AGROFLORESTAL DOCEIRO			
Data	Tipo de Encontro	Temas	Local
08/07/2019	Ordinária	Visita a um Sistema Agroflorestal e desenho do SAF Doceiro Demonstrativo	Propriedade rural de integrante e SMDRTur
12/08/2019	Ordinária	Edital Eletrobrás, Croqui do SAF Doceiro Demonstrativo e Rota dos Butiazais	SMDRTur
21/08/2019	Extraordinária	Plantio SAF Doceiro Demonstrativo	SMDRTur
09/09/2019	Ordinária	Palestra Insetos Polinizadores (Biologia/UFPel), mutirões nas propriedades e distribuição de sementes crioulas	SMDRTur
04/11/2019	Ordinária	Cultivo do Mirtilo (Luiz Eduardo Corrêa Antunes/EMBRAPA) e mapeamento de Marmelo na região	Emater/RS-Ascar em Morro Redondo
16/12/2019	Ordinária	Visitação ao SAF Doceiro Demonstrativo, Planejamento de 2020 e apresentação Projeto de integrantes	SMDRTur
13/01/2020	Ordinária	Apresentação da proposta de pesquisa desta pesquisadora, roçado de plantas invasoras do SAF Doceiro Demonstrativo e cobertura com biomassa	SMDRTur
24/01/2020	Extraordinária	Mutirão de limpeza e plantio de SAF	Propriedade rural de integrantes
10/02/2020	Ordinária	Organismos Eficientes	SMDRTur
09/03/2020	Ordinária	Construção de Cisterna como alternativa para a seca	Propriedade rural de integrante
10/06/2020	Ordinária	Encontro para plantio de sementes de cobertura (não houve plantio)	SMDRTur (SAF Doceiro Denonstrativo)
18/06/2020	Extraordinária	Encontro para discussão de decisões do andamento do SAF Doceiro diante da pandemia	SMDRTur (SAF Doceiro Denonstrativo)
24/06/2020	Extraordinária	Plantio e manejo do SAF Doceiro Demonstrativo	SMDRTur (SAF Doceiro Denonstrativo)
20/07/2020	Extraordinária	Projeto Fruta Feia - Portugal (Renata Menasche - UFPel); Cotas de Reserva Ambiental (Fernando Horn - ASCAR/Emater-RS); Sintropia e SAF Doceiro (Wagner Vitória); e Projeto SAF Legal (Ernestino Guarino)	Online
10/08/2020	Ordinária	Apresentação da proposta de pesquisa desta pesquisadora; fala de nova integrante e apresentação de sua propriedade	Online
30/09/2020	Extraordinária	Mutirão revitalização do SAF Doceiro Demonstrativo	SMDRTur (SAF Doceiro Denonstrativo)
25/10/2020	Extraordinária	Mutirão em propriedade de integrante	Propriedade rural de integrante

Quadro 1 - Encontros do Grupo Sistema Agroflorestal Doceiro
Fonte: Autora, 2020.

Devido à pandemia do Novo Coronavírus, as reuniões subsequentes (abril, maio, junho de 2020...) não ocorreram. No entanto, os integrantes do Grupo SAF Doceiro mantêm contato e possíveis troca de conhecimentos e experiências em um grupo próprio pelo aplicativo de conversa *Whatsapp*.

3.3 Instrumentos de coleta de dados

Nessa pesquisa foram utilizados dois métodos de coleta de dados para a análise: Diário de campo, que é o registro da Observação Participante (nos encontros mensais) e entrevistas, com os produtores rurais, técnicos, pesquisadores e agente da SMDRTur, pertencentes ao Grupo.

3.3.1 Observação Participante

A observação participante é um método de coleta de dados, no qual se distingue da observação comum, por o pesquisador se integrar à rotina, cotidiano e decisão do grupo investigado (BONI; QUARESMA, 2005). Conforme Lima, Almeida e Lima (1999), é uma das coletas menos estruturadas existente, por isso a dificuldade em estabelecer um limite entre observador e participante/observado. No entanto ela possibilita descobrir uma infinidade de situações que seriam incapazes de se adquirir por outro método, como as relações no Grupo (LIMA; ALMEIDA; LIMA, 1999). Para Gil (2010), na observação participante, as informações adquiridas dependem de como o pesquisador se comporta diante do grupo e dos relacionamentos existentes.

No SAF Doceiro, a pesquisadora participou das reuniões como integrante, auxiliando nas decisões, adquirindo e compartilhando as experiências e participando dos mutirões. Apesar de todos saberem do papel de observação da pesquisadora, existe uma relação de confiança e auxílio para a realização da pesquisa.

3.3.1.1 Registro das observações participantes

O diário de campo foi o instrumento utilizado para registrar as atividades, falas e decisões referentes aos encontros mensais. Esse instrumento é muito utilizado em

pesquisas etnográficas, visto que é capaz de produzir diariamente através da escrita e relatos, a experiência (WEBER, 2009). Pioneiro da pesquisa etnográfica, Bronislaw Malinowski (1976) argumentou que, para se obter valor científico em uma etnografia, tem de haver distinção do que é observado dos nativos e o que são as inferências do pesquisador, tendo esse bom-senso em suas anotações. Segundo Weber (2009) a observação direta de um grupo social, com seus comportamentos culturais é a base desse tipo de investigação.

Os registros foram realizados enquanto ocorriam os encontros. Dessa forma, conseguiu-se registrar no diário de campo, um maior detalhamento das falas, decisões e ações. De acordo com Souza et al. (2012), o registro no diário, de forma tardia, ou seja, em um tempo não próximo do acontecimento, pode prejudicar no detalhamento da experiência e na qualidade das descrições.

Assim, o diário de campo, por ter um caráter subjetivo, possibilita, não somente o registro da observação, mas também uma reflexão, propiciando uma análise profunda dos acontecimentos e das vivências sociais (FREITAS; PEREIRA, 2018).

3.3.2 Entrevistas

A entrevista é uma forma de coleta de dados, capaz de conseguir informações/dados extra, além das obtidas através da observação participante, podendo ser adquiridos dados subjetivos a partir da interação com o outro, no caso o respondente (BONI; QUARESMA, 2005).

Nesta pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com integrantes pré-selecionados do Grupo SAF Doceiro. Para Gil (2010), as entrevistas semiestruturadas têm maior utilidade em etapas posteriores da pesquisa para aquisição de dados mais precisos e específicos.

3.3.2.1 Seleção dos atores sociais para as entrevistas

Para seleção dos atores sociais foi solicitada as listas de presença de todos os encontros do Grupo SAF Doceiro, disponibilizadas pela Emater/RS-Ascar. A partir dessas listas, pôde-se verificar o comparecimento, em pelo menos uma reunião, de

30 agricultores, além de técnicos, pesquisadores e agentes da administração pública local. Então, foi realizada uma filtragem, com o auxílio do pesquisador em Antropologia, agricultor familiar e, também idealizador do SAF Doceiro Daniel Lima Vaz, para detectar os principais interessados e mais atuantes nas atividades do Grupo, desde a sua formação, sendo selecionados, finalmente para a pesquisa 15 agricultores, técnico da Emater/RS-Ascar, um pesquisador da Embrapa, dois pesquisadores da UFPel e um integrante da administração pública local. Como garantia de anonimato dos atores sociais, são utilizados pseudônimos ou codinomes, respeitando assim, a dignidade, privacidade e defesa da vulnerabilidade dos sujeitos, conforme prevê a Resolução 644/2012, do Ministério da Saúde (2012).

3.3.2.2 Elaboração do roteiro de entrevistas

O roteiro de entrevistas, direcionado aos agricultores, foi elaborado com o auxílio da colaboradora da EMATER, Adriane Lobo e do pesquisador em antropologia Daniel Vaz Lima. A fim de detectar os objetivos da pesquisa, esse roteiro contou com 18 questões de respostas abertas, além dos dados de identificação do entrevistado (Apêndice A). Além disso, foi realizado um roteiro de entrevistas, com nove questões, direcionado ao técnico da Emater-RS/Ascar, os pesquisadores da UFPel e Embrapa e agente da administração pública local, a fim de identificar o processo de formação do Grupo e as principais motivações (Apêndice B).

3.3.2.3 Realização das entrevistas

O contato para as entrevistas foi feito previamente, marcando dia e horário, por ligação telefônica ou mensagem por *whatsapp*.

O trabalho contou com 10 agricultores e as entrevistas foram realizadas, em parte, nas propriedades dos próprios agricultores, ou por áudios (perguntas e respostas) via aplicativo *whatsapp* e, ainda pela ferramenta *Google Meet*. Quanto ao técnico da Emater-RS/Ascar, os pesquisadores da UFPel e Embrapa e agente da administração pública local, as entrevistas ocorreram em sua maior parte, pela

ferramenta *Google Meet*. Apenas o agente da administração pública local realizou a entrevista em seu local de trabalho.

3.3.2.4 Registro das entrevistas

As entrevistas foram gravadas e transcritas. As gravações foram realizadas por aplicativo de celular “Gravador de Voz”, quando presenciais; mensagem de voz quando por *Whatsapp* ou gravação de tela pelo aplicativo OBS Studio, quando realizada pelo *Google Meet*, todos disponíveis para *download* gratuito. Após as entrevistas, as gravações foram armazenadas em pastas com os respectivos codinomes dos entrevistados.

As transcrições das entrevistas foram baseadas nas regras de transcrições de Uwe Flick (2009), realizadas de forma literal, na íntegra, com erros, gírias, ênfases e regionalismos, a fim de garantir a fidedignidade do registro.

3.4 Análise dos dados

A análise dos dados foi efetuada em duas etapas: a primeira referente aos encontros mensais e a segunda etapa, às entrevistas. Na primeira etapa, foi analisado o diário de campo, no qual estão registrados os encontros, abrangendo todo o Grupo (proprietários rurais, técnico Emater-RS/Ascar, pesquisadores da UFPel e Embrapa e agentes da administração pública local). Na segunda etapa, foram analisadas as transcrições das 15 entrevistas com os atores sociais selecionados. O método utilizado nessas duas etapas foi a análise de conteúdo. No entanto, para a exposição dos dados, foi realizada a união dos resultados do diário de campo e das entrevistas.

3.4.1 Análise de conteúdo

A análise qualitativa de conteúdo é um método que se utiliza de categorias, com o intuito de reduzir o material (FLICK, 2009). Para Graneheim e Lundman (2004), textos correspondentes a observações e entrevistas dependem de interpretações subjetivas, envolvendo inúmeros significados. Nesse contexto, a análise de conteúdo

trata de interpretações de aspectos visíveis e óbvios (Conteúdo Manifesto) e de aspectos implícitos (Conteúdo Latente), que se diferem do nível de abstração (GRANEHEIN; LUNDMAN, 2004).

As notas dos diários de campo e as entrevistas foram as unidades de análise. Com isso, seus textos foram transformados em unidades de significado, nos quais são trechos condensados que contém aspectos relacionados entre si, através de seu conteúdo (GRANEHEIN; LUNDMAN, 2004). Então, essas unidades de significados condensadas foram alteradas para códigos. Segundo Granehein e Lundman (2004), essa forma de rotulagem faz com que o objeto de estudo seja visto de novas e diferentes formas.

Após essa etapa, os códigos foram agrupados e divididos em categorias. A categoria trata da característica central da análise qualitativa de conteúdo, no qual reúne as semelhanças dos dados, que não deve constar em mais de uma categoria (GRANEHEIN; LUNDMAN, 2004). Elas foram construídas *ex post*, ou seja, depois da realização das entrevistas. Com isso, foram formulados os temas a partir do conteúdo latente das categorias. Os temas são formas de ligar os conteúdos implícitos em categorias, nos quais essas e os códigos podem pertencer em mais de um tema (GRANEHEIN; LUNDMAN, 2004). As etapas da análise de conteúdo estão esquematizadas abaixo (Figura 2):

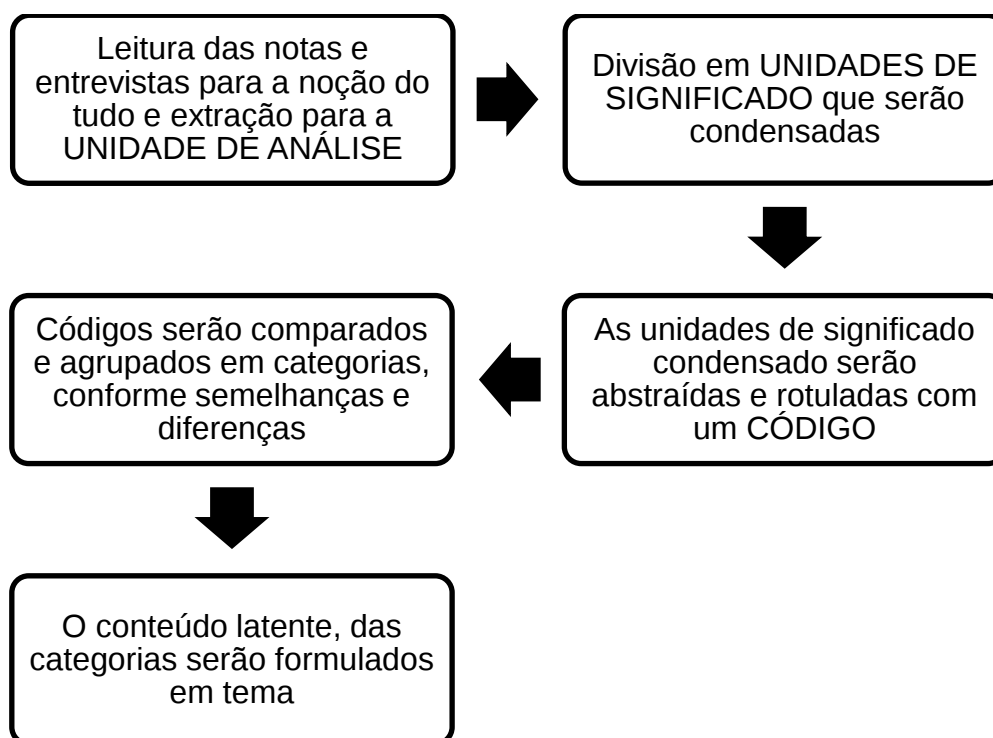


Figura 2 - Etapas da Análise de Conteúdo
Fonte: Autora, 2020

Por fim, essas etapas da análise conduzem a interpretação final dos resultados, a fim de solucionar o(s) problema(s) de pesquisa proposto.

3.5 Aspectos Éticos

Anterior às entrevistas com cada ator social (agricultores, técnico, pesquisadores e agente da administração pública local) pertencente ao Grupo SAF Doceiro, lhes foi entregue o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Apêndice C), assegurando o anonimato de suas informações e o direito ao acesso ao trabalho e esclarecimentos em qualquer tempo da pesquisa, conforme Resolução 644/2012 do Ministério da Saúde (2012), que dispõe sobre a ética na pesquisa com seres humanos. Ainda, tem-se o comprometimento de apresentar os resultados da pesquisa, ao final de sua elaboração e disponibilizar uma cópia impressa do documento para acervo do Grupo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Anterior à apresentação dos resultados das entrevistas e do diário de campo, provenientes das reuniões, será apresentado a caracterização do Grupo Sistema Agroflorestal Doceiro e o perfil dos entrevistados selecionados para a pesquisa.

4.1 Caracterização do Sistema Agroflorestal Doceiro

O cultivo em agrofloresta já vem se difundindo entre agricultores familiares nos municípios de Morro Redondo e Canguçu, através de iniciativas de apoio de instituições como Emater/RS-Ascar, Embrapa e UFPel. A partir disso, a ideia do Sistema Agroflorestal Doceiro (SAF Doceiro) surgiu pelos anseios dessas entidades, com o auxílio da Secretaria de Desenvolvimento Rural e Turismo de Morro Redondo (SMDRTur), além de agricultores que se identificam com a agroecologia e com a cultura doceira. Assim, um grupo de agricultores, buscando não só a sustentabilidade como uma nova forma de produzir, de forma autônoma, integrada e diversificada da produção, viu nesse projeto, uma forma de compartilhar conhecimentos e preservar saberes tradicionais.

O principal intuito do SAF Doceiro é o de cultivar tudo o que compreende a produção dos doces coloniais, desde as plantas frutíferas, que são matéria-prima dos doces, até as fibras para os balaios, caixotes para embalagens e lenha para o cozimento do doce no tacho de cobre, item indispensável no saber doceiro colonial. Para Thies e Thum (2015) em seu estudo sobre a festa pomerana em São Lourenço do Sul denominada “Memórias e Sabores da Colônia”, salientam que na produção da alimentação conservam-se as práticas tradicionais, com os ingredientes alimentares produzidos pelo próprio camponês, ressignificados no presente através de símbolos e memórias coletivas.

Assim, em um evento, no dia sete de junho de 2019, a fim de reunir produtores do doce colonial tradicional de Morro Redondo e região, extensionistas rurais e pesquisadores da Embrapa e UFPel e SMDRTur, apresentaram a ideia do SAF Doceiro à comunidade, com a proposta de construção de um SAF Doceiro Demonstrativo. Nesse sentido, no dia oito de julho do mesmo ano, foi construído

coletivamente o desenho do SAF Doceiro Demonstrativo, com os materiais disponíveis trazidos pelas famílias dos agricultores (como mudas e sementes) e também pela Embrapa. A área onde foi instalado o SAF Doceiro Demonstrativo, pertence à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural e Turismo do município de Morro Redondo/RS, que, por meio de um mutirão de todos os envolvidos foi instalado, tendo como pretensão de servir de modelo e piloto para os agricultores e agricultoras que se interessem pelo tema, bem como para o aprendizado coletivo entre os técnicos e os agricultores familiares.

As reuniões ordinárias do Grupo ocorrem mensalmente, com temas pré-selecionados. Em alguns encontros são convidados especialistas, que possam auxiliar para o bom funcionamento e conhecimento aos integrantes do Grupo SAF Doceiro. Durante a pandemia, houveram reuniões *onlines* esporádicas. Além disso, existe um planejamento e ações de mutirões para a implantação de SAFs em propriedades dos participantes do projeto e, os que já os possuem, visitas do grupo para análises e troca de experiências.

Quanto à estruturação, é um grupo informal, não institucionalizado, como associação ou cooperativa, mas sim um movimento livre de representatividade, um grupo de pessoas que se encontram para a troca de experiências sobre os temas e construções dos SAFs. Dania, Xing e Amer (2018) salientam que em instituições onde há pouca flexibilidade, há uma influência negativa na colaboração, prejudicando os interesses coletivos para a resolução dos conflitos. Ao mesmo tempo, apesar de existir uma lista de presença, realizada pela Emater/RS-Ascar, os integrantes tem total autonomia de estarem ou não na reunião, sem qualquer perda de pertencimento ao Grupo. Quanto às lideranças, o Grupo conta com dois integrantes que possuem papel de maior representação, ao introduzir os encontros, em eventos e debates. Essa representatividade se deu por ordem natural e aceita pelos outros integrantes. Com a pandemia e algumas adversidades quanto à seca e o manejo inadequado, houve a inserção de um novo integrante, no qual possui muito conhecimento sobre sistemas agroflorestais, que obteve papel importante de liderança, principalmente quanto aos mutirões.

Sendo assim, o SAF Doceiro, por envolver a agroecologia, juntamente com o aspecto cultural e relações sociais dinâmicas, com relacionamentos de confiança e

reciprocidade, existe a abertura de novas oportunidades de o território se desenvolver, seja pela capacidade inovativa, ou pelo capital social existente, em um ambiente de cooperação e proximidade entre os elos (ABRAMOVAY, 2000). Além disso, a idealização de um produto imbuído de significados culturais, a produção deste não se baseia apenas na técnica de fazê-la, mas permeado de memória e identidade no saber-fazer (MARQUES et al., 2015). A autora ainda salienta que quando a matéria-prima desse alimento (nesse caso, o doce colonial) vem da produção própria e ecológica, há uma valorização, através da ressignificação que esses produtos empregam na questão simbólica do saudável e imerso na identidade e cultura rural (MARQUES et al., 2015).

4.2 Perfil dos entrevistados

Das 15 entrevistas realizadas, 10 foram realizadas com agricultores e cinco realizadas com representantes de instituições, pertencentes ao Grupo. No perfil dos agricultores, sete entrevistados são do sexo masculino e três, do sexo feminino, com idades entre 25 e 69 anos, tendo em sua grande maioria, unicamente produção agroecológica (A01, A02, A03, A04, A07 e A10) e a propriedade produtora como residência fixa e permanente (A01, A02, A03, A04, A05, A08, A09 e A10). O quadro 2, mostra o modo de produção, localidade da propriedade, gênero, idade, profissão e ocupação atual, número de membros da família e tipo de moradia rural dos agricultores.

Entrevistados (codinome)	Sigla	Modo de produção	Localidade	Cidade	Gênero	Idade	Profissão	Ocupação atual	Membros da família	Tipo de moradia
Agricultor 01	A01	Agroecológico	Colônia Santo Amor	Morro Redondo	Masculino	33	Sociólogo	Estudante (Doutorando)	7	Permanente
Agricultor 02	A02	Agroecológico	Colônia Afonso Pena	Morro Redondo	Feminino	38	Dona do lar e agricultora	Agricultora	4	Permanente
Agricultor 3	A03	Agroecológico	Morro Redondo	Morro Redondo	Masculino	37	Biólogo	Produtor rural	1	Permanente
Agricultor 4	A04	Agroecológico	Colônia Afonso Pena	Morro Redondo	Feminino	49	Agricultora	Diarista	4	Permanente
Agricultor 5	A05	Convencional	Colônia Santo Amor	Morro Redondo	Feminino	47	Agricultora	Agricultora/ Agroindústria	6	Permanente
Agricultor 6	A06	Convencional	Colônia São Domingos	Morro Redondo	Masculino	36	Biólogo	Biólogo Autônomo	6	Para lazer/ produção
Agricultor 7	A07	Agroecológico	5ª Distrito/ Estrada das Antas	Pelotas	Masculino	57	Agroflorestor	Agroflorestor	2	Para lazer/ produção
Agricultor 8	A08	Misto	Via RS 802 km1 São Pedro	Morro Redondo	Masculino	69	Pastor	Aposentado	2	Permanente
Agricultor 9	A09	Misto	Açoita Cavalo	Morro Redondo	Masculino	25	Gestor Ambiental/ Eng. Elétrica	Estudante/ Produtor rural	4	Permanente
Agricultor 10	A10	Agroecológico	Colônia São Pedro	Morro Redondo	Masculino	55	Eng. Agrônomo	Produtor rural	Não informado	Permanente

Quadro 2 – Perfil dos agricultores entrevistados.

Fonte: Autor, 2021.

Abaixo, é apresentado um mapa de localização aproximada das propriedades dos integrantes agricultores (Figura 3).

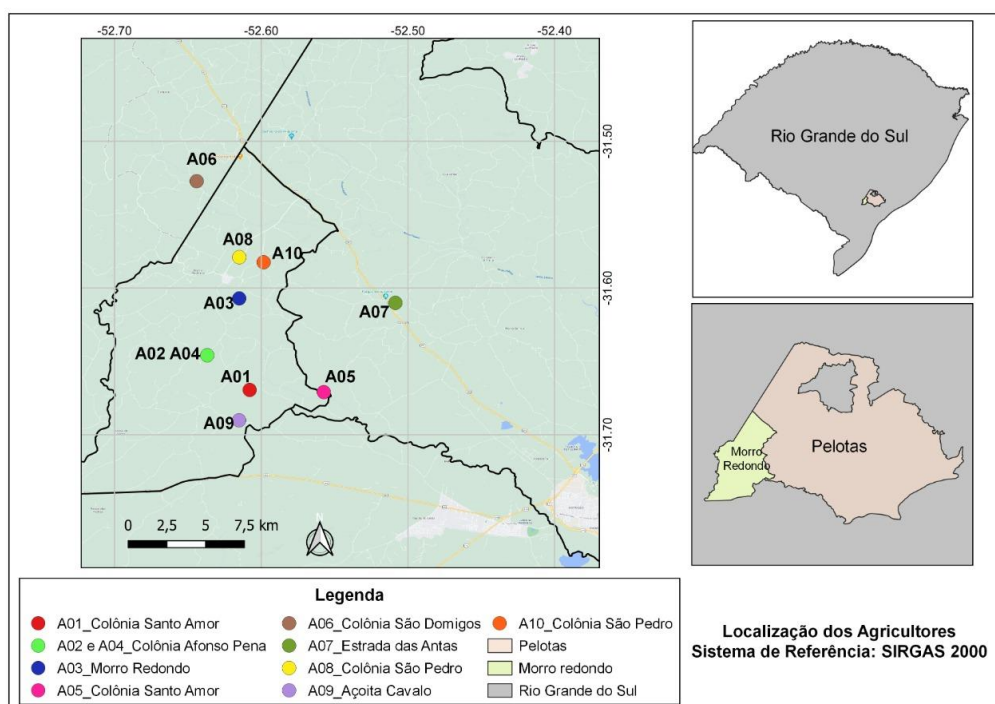


Figura 3 – Mapa de localização aproximada das propriedades dos agricultores.

Fonte: Elaborado por Carolina da Silva Gonçalves, 2021.

No perfil dos representantes das instituições, três entrevistados são do sexo feminino e dois do sexo masculino, tendo idades entre 42 e 57 anos. Quanto às instituições que representam, dois são da Universidade Federal de Pelotas, um da administração pública de Morro Redondo, um da Embrapa Clima Temperado e um da Emater/RS-Ascar em Morro Redondo. Abaixo o quadro 3 demonstra o gênero, a idade, profissão e entidade representativa dos respondentes.

Entrevistados (codinome)	Sigla	Gênero	Idade	Profissão	Entidade
Instituição 1	I01	Feminino	51	Bióloga/ Estudante	UFPel/ Voluntária do Museu de Morro Redondo
Instituição 2	I02	Feminino	57	Antropóloga/ Professora universitária	UFPel
Instituição 3	I03	Masculino	44	Técnico Agropecuário	Secretaria de Desenvolvimento rural e Turismo de Morro Redondo
Instituição 4	I04	Masculino	42	Engenheiro Florestal/ Pesquisador A	Embrapa Clima Temperado
Instituição 5	I05	Feminino	56	Médica Veterinária/Extensionista Rural	Emater/RS-Ascar

Quadro 3 – Perfil dos representantes das instituições entrevistados.

Fonte: Autor, 2021.

4.3 Análise e discussão dos dados

Para a análise dos dados, foram extraídos dos instrumentos de coleta de dados (entrevistas e diário de campo), códigos (aspectos), que originaram subcategorias, posteriormente categorias e, por fim, os temas (GRANEHEIN; LUNDMAN, 2004), que mostram quais os aspectos determinantes para os integrantes pertencerem ao Grupo SAF Doceiro.

Os grandes temas que emergiram dessa análise foram: **Desenvolvimento territorial, Aspectos ecológicos e Tradição doceira.**

4.3.1 Desenvolvimento Territorial

A discussão sobre desenvolvimento territorial, com foco no rural, ainda é muito incipiente, visto a sua mudança de significado, que, por muito tempo, o sinônimo de desenvolvimento rural estaria intimamente relacionado ao crescimento da atividade agrária. Para Abramovay (2000), os espaços rurais não se constituem mais (ou não deveriam se constituir) somente para a função agrária, mas também em atividades que envolvam a comunidade rural para desenvolvê-la de forma dinâmica e diversificada. Contudo, Favareto (2010), demonstra a mudança de um paradigma em relação ao termo desenvolvimento, referindo-se ao setor rural, voltado não apenas ao econômico, mas também ao social e cultural.

Assim, no Tema **Desenvolvimento territorial**, foram reveladas as seguintes categorias: **Desenvolvimento do Grupo, Suporte para os agricultores, Inovação, Saúde, Permanência no Campo e Economia**. A figura (figura 4) esquematiza o tema desenvolvimento territorial, suas categorias, subcategorias e os aspectos provenientes.

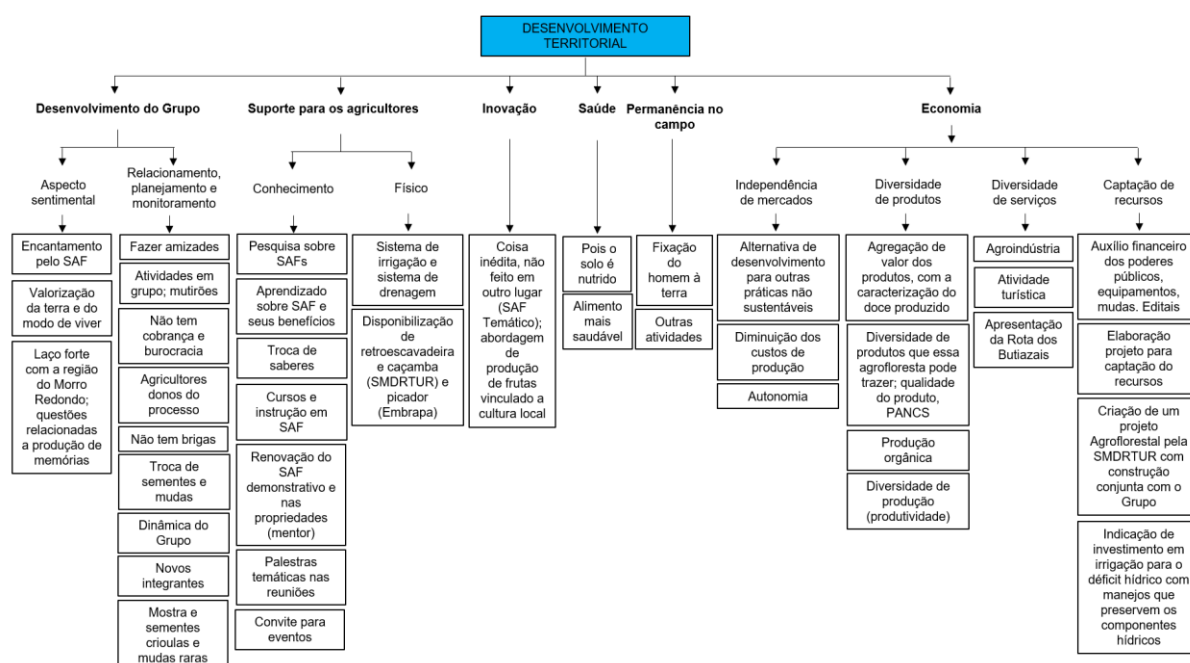


Figura 4 – Aspectos de pertencimento dos integrantes ao Grupo SAF Doceiro relacionados ao Desenvolvimento Territorial

Fonte: Autora, 2021

A partir dessa análise, pôde-se verificar, na categoria **Desenvolvimento do Grupo**, aspectos relevantes individuais sentimentais e de relacionamento em grupo, planejamento e monitoramento como subcategorias. Na categoria **aspectos sentimentais**, surgiram questões como o encantamento pelo modo de cultivo em sistema agroflorestal, valorização da terra e do modo de viver rural e o laço forte com a Região de Morro Redondo, a partir das memórias sociais.

As agroflorestas constituem-se como um diferencial diante da agricultura convencional, pois estabelece uma conexão muito forte com a natureza e a agricultura familiar. Pedro Oliveira de Souza, agricultor agroflorestal e um dos fundadores da Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo, SP, e Adrianópolis, PR, Cooperafloresta, contando sua história oral, relata a respeito do sentimento em relação à terra e o trabalho e agrofloresta (SOUZA; SILVA, 2013, p.37-38):

Depois que a gente começou a trabalhar com Agrofloresta, hoje compreendo que há toda uma dinâmica, é uma coisa incrível para gente aprender. Em terra tão pobre a gente queria colher coisa de terra rica. Uma das coisas de fazer Agrofloresta é identificar o momento para ver o que a terra pode me dar agora, e não o que eu quero tirar dela. Porque na agricultura convencional a gente não pensa isso, só vem e tira. Não há relação de amor com a terra.

O agricultor (A01) menciona sobre os aspectos positivos atribuídos aos SAFs nas propriedades que *“tem a questão mais sentimental, assim, que tu tem uma outra sensação de viver a vida e de estar no mundo assim né, se sente muito mais enriquecido, muito mais aberto e vendo outras possibilidades de mundo”*.

Também, quando mencionado sobre os laços sentimentais e memórias que remetem a região do Morro Redondo, vê-se uma identificação com a identidade e memória coletiva e social, muito ligado às práticas camponesas da região. Maurice Halbwachs (1990) titula “comunidade afetiva” essas interações que nossas memórias são construídas e realimentadas por grupos sociais aos quais se pertence, por mais que a experiência, que inspira a memória, não tenha sido presenciada, ou seja, essas práticas rurais, típicas da região, estão perpetuadas no identidade e imaginário coletivo.

Na subcategoria de **relacionamento em grupo, planejamento e monitoramento**, foram identificados os seguintes aspectos: **fazer amizades, atividades em grupo, principalmente os mutirões, não ter cobrança ou**

burocracia em fazer parte do Grupo, os agricultores envolvidos são vistos como “donos” do processo, devido suas participações ativas nas decisões, **não ter brigas entre os integrantes, troca de sementes e mudas, dinâmica do grupo, novos integrantes e mostra e troca de sementes crioulas e mudas raras**. Esses aspectos evidenciam que a proximidade social possibilita a abertura de novas relações que impulsionam um maior dinamismo e competitividade.

Em pesquisa que examinou a formação de novos laços de conhecimento entre vinícolas no Chile, descobriu-se que a coexistência de efeitos de coesão (reciprocidade e transitividade), mesmo com fracas bases de conhecimentos existentes, que contribui para uma estrutura de rede local hierárquica informal estável ao longo do tempo (GIULIANI, 2013).

As práticas de colaboração e solidárias permitem confiar uns aos outros, atribuindo a participação de todos no processo. Para Rodrigues e Ferreira (2013) de acordo com as teorias da dádiva, quando um indivíduo dispõe de um dom, ele tem o dever de retribuir, no entanto, essa retribuição se mostra de uma forma simbólica, social e moral, e não de cunho financeiro. Ainda, os mutirões são os símbolos mais fortes de reciprocidade e solidariedade entre grupos rurais, mostra aspectos como respeito, ajuda-mútua e disponibilidade (RODRIGUES; FERREIRA, 2013). Essas redes de atores permitem, então, ações cooperativas, com sistemas de coordenação que trazem mais confiança e auxiliam para que regiões se tornem competitivas, estimulam, então a criação de capital social³ (ABRAMOVAY, 2000).

Na análise da categoria de **Suporte aos agricultores**, originou-se duas subcategorias: **Conhecimento** e **Físico**. Na subcategoria **Conhecimento**, foi identificado aspectos como **pesquisas sobre SAFs, aprendizado sobre SAFs e seus benefícios, troca de saberes, cursos e instrução em SAFs, renovação do SAF Doceiro demonstrativo e nas propriedades, a partir de um mentor, palestras temáticas durante os encontros e convite para eventos científicos**.

As pesquisas sobre sistemas agroflorestais são relativamente novas, pois por muitas vezes se reduziu a agricultura em cultivo em campos, apesar da inserção da

³ Coleman (1990) define capital social como uma forma de ação coletiva, onde indivíduos não agem independentemente, tendo objetivos estabelecidos de forma conjunta, formando uma estrutura social. Neste sentido, essas estruturas sociais representam recursos de que os indivíduos podem dispor, relacionando-as como capitais.

agricultura e cultivar em agroflorestas, perpetuarem ao longo da história (Steenbock, *et al*, 2013). Os SAFs apesar de serem agriculturas oriundas de populações tradicionais, o seu manejo requer práticas e técnicas específicas para que se tenha os maiores benefícios desses sistemas. Franco, Oliveira e Álvares (2017) explicam que o sucesso do processo de implantação de SAFs, dependem de fatores e manejos específicos para a saúde do solo, a condução do agroecossistema, a importância do SAF a cada agricultor e as condições socioeconômicas.

Os aspectos **pesquisas sobre SAFs, aprendizado sobre SAFs e seus benefícios, cursos e instrução em SAFs, palestras temáticas durante os encontros e convite para eventos científicos**, mostram que a capacitação é importante para os integrantes do Grupo. Esses dados contrapõe-se à pesquisa realizada Camargo, *et al* (2019), em pequenas propriedades rurais nos municípios de Bonito, Bodoquena e Ponta Porã, no estado do Mato Grosso do Sul, no qual os agricultores se mostraram insatisfeitos com tais assistências e cursos de capacitação para implantação de SAFs nas propriedades. Por outro lado, é na troca de saberes, propiciando experiências e aprendizados, que os encontros e mutirões tem papel fundamental nesse processo. Abaixo, é mostrado um relato do Agricultor 02 (A02) sobre os aprendizados com o Grupo SAF Doceiro:

...com o SAF Doceiro não aprendemos só a plantar as plantas que dá os frutos para fazer o doce, ali tu tá trabalhando o solo, tá trabalhando a natureza, tu tá trabalhando como fazer sombra, tu tá trabalhando como trazer mais vento, tu tá trabalhando como trazer mais água para o solo, nossa, é infinito o conhecimento e, quem tá trabalhando com SAFs entende o que estou falando, é infinito, o aprendizado ali é muito grande, é maravilhoso...

Durante as visitas e os mutirões, que se consegue tirar as dúvidas e passar o conhecimento de cada um, o que deu certo e o que deu errado. Nesse sentido, o receber visitas ou visitar uma agroflorestal, através de mutirões, está muito relacionado ao processo de ensino e aprendizagem sobre sistemas agroflorestais (FRANCO; OLIVEIRA; ÁLVARES, 2017; SILVA; STEENBOCK, 2013).

Na subcategoria **Físico**, relaciona-se ao suporte físico proporcionado aos agricultores. Foi identificado aspectos como, **auxílio em um sistema de irrigação e drenagem e disponibilização de retroescavadeira, caçamba e picador**, por

entidades parceiras ao Grupo, para auxiliar nas tarefas de manejo do SAF Doceiro Demonstrativo. Essas práticas de auxílio das entidades ou instituições de fomento e pesquisa, bem como a administração pública, para com os agricultores, levando em consideração suas reais necessidades, estabelece um clima de confiança aumentando a eficiência dos sistemas (ABRAMOVAY, 2000). Exemplo disso é trazido pelo autor sobre o Vale do Itajaí, no qual possui uma grande rede de interrelações entre agentes (serviços, organizações públicas e organizações privadas, urbanas e rurais (ABRAMOVAY, 2000). Essas redes são de extrema relevância para ambientes de cooperação.

Na categoria de **Inovação**, foi encontrado o aspecto de que o **SAF Doceiro é algo inédito, não feito em outra localidade**. Essa abordagem, unindo a produção de frutas, madeira e outras espécies, de forma agroflorestal, com a tradição do saber-fazer o doce colonial da região se mostra como uma iniciativa totalmente inovadora, conforme relato de integrante pertencente à uma instituição (I04):

Eu vejo que é inovador na abordagem dele de trazer a produção das frutas, de uma forma diferente do que é feito tradicionalmente, de uma forma ambientalmente amigável, com diversidade, com a diversidade local, de plantas, de espécies arbóreas e vegetação, das plantas nativas da região, de uma forma ao resgate, ... de um resgate cultural junto com a produção das frutas e com a vegetação nativa, é uma outra forma de ver a produção agrícola, é uma produção agrícola que tem um laço cultural, é uma produção agrícola que tem uma relação muito forte com a natureza. Não uma produção agrícola da monocultura do pêssego, da monocultura de outras frutas, né, ou outra espécie, ela tem um laço que é muito mais forte, que tem um vínculo com Morro Redondo e a região. Então por isso eu acho que é uma coisa muito importante e interessante para esses agricultores e para o município.

Veiga (2002) dispõe que a utilização dos recursos já existentes no território, juntamente com as formas familiares de agricultura e uma divisão territorial de trabalho entre espaços urbanos e rurais, fazem com que gerem, disseminem e sejam aplicadas inovações. O território, não só físico e geográfico, mas levando em consideração sua bagagem cultural é determinante para o desenvolvimento. Giuliani (2013), expressa, que laços locais fortes estimulam ambientes inovadores e que o conhecimento é derivado da proximidade geográfica dos trabalhadores e comunidade para a resolução problemas e diminuição de ambientes de incertezas; essas soluções encontradas nesses ambientes se transformam em inovações.

Quanto a categoria **Saúde**, dois aspectos foram apresentados: **solo nutrido e alimento mais saudável**.

Ambos os aspectos se relacionam, já que a produção em agrofloresta tem a função, dentre outras, de auxiliar para que sejam produzidos alimentos livres de sementes transgênicas e insumos químicos. Os usos indiscriminados de tais produtos podem comprometer a segurança alimentar e nutricional nas regiões (PEREIRA, 2016).

Na categoria de **Permanência no campo**, foram extraídos os aspectos de **fixação do homem à terra e desenvolvimento de outras atividades**. Com o fomento da agricultura industrial, na década de 1980 e, por consequência disso, a desvalorização da agricultura familiar, fizeram com que, no espaço rural, encontrassem obstáculos na sucessão das propriedades e atividades dos agricultores, visto que os jovens vislumbram melhores perspectivas de vida, prometido pelas zonas urbanas (CASTRO, 2007). Com isso, conforme Oliveira, Mendes e Van Herk Vasconcelos (2021), dentre outros fatores, quando se tem um desenvolvimento, principalmente no aspecto econômico, a permanência no trabalho rural ou o seu retorno são considerados de forma significativa.

Na categoria **Economia**, quatro subcategorias foram apresentadas: **Independência de mercados, Diversidade de produtos, Diversidade de serviços e Captação de recursos**.

Na subcategoria **Independência de mercados** foram extraídos os aspectos de **alternativa de desenvolvimento para outras práticas não sustentáveis, diminuição dos custos de produção e autonomia**. Essa subcategoria relaciona-se com a subcategoria **Diversidade de produtos**, no qual são apresentados os aspectos **agregação de valor ao doce produzido, produto agroflorestal, PANCS (Plantas Alimentícias não Convencionais), produção orgânica e diversidade de produção**; e com a subcategoria **Diversidade de serviços**, como os aspectos **turismo e o desenvolvimento de rotas, como a Rota dos Butiazais**. A **independência de grandes mercados**, principalmente aos oriundos das grandes empresas produtoras agrícolas, mecanizadas ainda é um desafio a ser alcançado. Contudo, essa alternativa pode ser viável com adoção de **novos produtos e serviços oferecidos**. Assim, novas formas de desenvolvimento da agricultura familiar estão

sendo pensadas e colocadas em prática com a crescente produção de gêneros alimentícios e artefatos, de caráter identitários ou agroecológicos, suprimindo uma demanda, cada vez mais exigente e exclusiva. Essa nova estratégia, motivada por uma demanda de consumidores, de forma a se apropriar dos recursos existentes no território, valorizando saberes e costumes de produção, possibilita a geração de renda e desenvolvimento (LEITE; MENEZES, 2013).

Com isso, se destacam maneiras autônomas de mercados e sustentáveis de produção, principalmente no que tange a produção agroflorestal, o que auxilia na diminuição dos custos de produção a longo prazo. No trabalho de Silva *et al.* (2018), é evidenciado que os custos iniciais, para a implantação de um SAF pode se tornar elevado, dependendo da sua composição de custos, tais como mão-de-obra, equipamentos, energia, dentre outros, no entanto, a médio e longo prazo, ele acarreta maior produtividade e diversidade de produtos com colheitas em diferentes épocas. Nessa perspectiva, produtos e serviços são estimulados a partir dos elementos históricos e identitários do território.

A agricultura familiar, juntamente com a tradição doceira da região, são características, por si só, que já estimula a demanda por produtos feitos na região. No entanto, com a fruta para fazer o doce, sendo produzida de forma agroecológica e em agroflorestal faz com que se agregue ao produto uma diferenciação e status, não somente de caráter identitário e simbólico, mas também ecológico. Contudo, em pesquisa realizada em sistemas agroflorestais da Europa, poucos produtos produzidos nessas condições, são comercializados como de origem de agroflorestal, apesar de sua alta qualidade e a disposição do consumidor em pagar mais pela sua qualidade e com pegadas ecológicas mais positivas (MORENO *et al.* 2018).

Assim, os alimentos imbuídos de identidades, são produzidos de formas mais artesanais, naturais, opostamente aos ultraprocessados, estabelecendo uma relação de qualidade e confiança com o consumidor final, o que agrega valor à produção (LEITE; MENEZES, 2013; MENEZES, 2009; MENASCHE, 2003).

Ainda, no setor de serviços, o turismo, juntamente com os roteiros ou rotas turísticas, são vistos como atividades de desenvolvimento do território, no qual, apenas, quatro agricultores recebem ou tem interesse em desenvolver turisticamente a propriedade. A atividade principalmente na zona rural, vem atribuindo uma

alternativa de desenvolvimento e opção para a agricultura familiar. O crescente número de visitantes em áreas rurais tem demonstrado um grande potencial da atividade turística, pois existe a busca pela herança cultural e social, por meio de seus produtos típicos, artesanato e patrimônio. Consequência disso transcende em uma maior participação comunitária e valorização da localidade (BAGRI; KALA, 2016).

Neste contexto, essa atividade configura-se, além de uma alternativa de renda, como um segmento que auxilia na agregação de valor aos produtos gerados nessas propriedades, além do resgate e promoção do patrimônio cultural e natural da comunidade local (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010). De acordo com o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura Andreia Roque - ILCA (2013), o turismo envolve variados setores da cadeia produtiva, acarretando novas dinâmicas econômicas e sociais, de forma a desenvolver espaços rurais como atrativos naturais e culturais. Além disso, estudo realizado no Nepal, mostra que o turismo em áreas de produção agroecológica serve como estratégia na integração de conservação ambiental, segurança alimentar e desenvolvimento para as pequenas propriedades rurais (ADDINSALL, *et al.*, 2016). Representante de instituição (I05) expõe relato sobre a atividade turística:

...esses dois pilares, que seria esse patrimônio imaterial e a agroecologia, eu acho que são dois pilares que podem gerar um desenvolvimento bem importante para o município. Principalmente porque o município busca essa vocação turística, que tem demonstrado, já em pouco tempo, o potencial, e não é só potencial de visitação, quando a gente fala em desenvolvimento, a gente fala em geração de renda, a gente fala em melhoria da qualidade de vida mesmo das pessoas, e aqui em especial dos agricultores, das famílias. Então a gente enxerga que tem esse potencial, por conta dessa busca que as pessoas tem feito para questões, como a gente fala, que lembram a infância, em questões que estão mais relacionadas a produções de memórias e essa questão dessa busca por um movimento mais saudável, por uma vida de mais qualidade, então esses dois fatores eles são muito potentes em gerar desenvolvimento.

Outro ponto de relevante importância são os apoios institucionais, de iniciativas público e privadas, na subcategoria **Captação de recursos**. Os aspectos extraídos foram: **auxílio financeiro, com equipamento e mudas, participação de editais, elaboração de projetos e investimento para o déficit hídrico**. Corrêa (2009) argumenta que o desenvolvimento de um território e seu potencial competitivo está diretamente ligado ao exercício de instituições locais em prol da comunidade,

principalmente, com iniciativas de desenvolvimento endógeno (de baixo para cima) ou seja, é a combinação de políticas locais, juntamente com a articulação dos atores sociais.

4.3.2 Aspectos Ecológicos

A agricultura familiar vem sofrendo ao longo dos anos, pressões de cunho econômico, social e ambiental. No campo ambiental, com advento da agricultura intensiva, uso de insumos agrícolas, mudanças climáticas, entre outros, outras perspectivas, quanto a produção de alimentos, estão sendo vislumbradas pela agricultura familiar. Os sistemas agroflorestais, no interior desse novo paradigma de sustentabilidade vem para suprir essa necessidade de amenizar essas externalidades ambientais e apresentar uma alternativa viável para a sustentabilidade para a agricultura familiar (KHADKA, *et al.*, 2021; PALUDO; COSTABEBER, 2012). Sendo assim, a figura 5 mostra o tema Aspectos Ecológicos, suas categorias, subcategorias e os códigos provenientes.

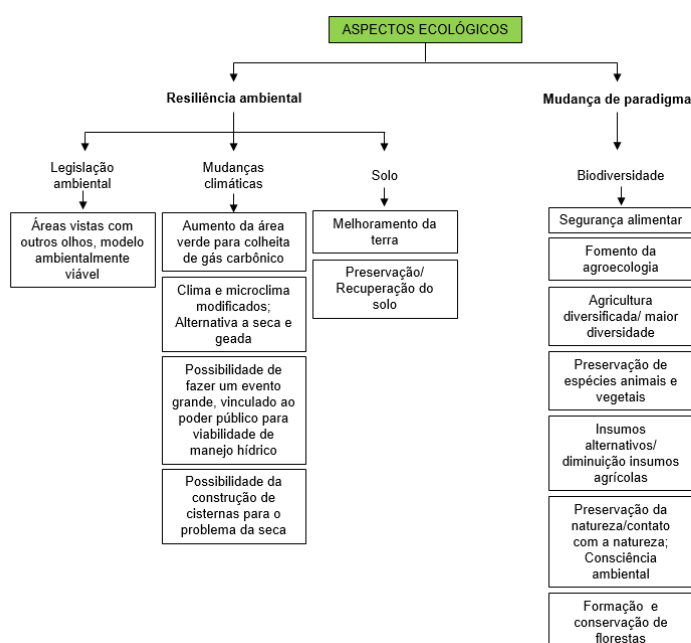


Figura 5 – Aspectos de pertencimento dos integrantes ao Grupo SAF Doceiro relacionados à aspectos ecológicos.

Fonte: Autora, 2021

Quanto ao tema **aspectos ecológicos**, duas categorias foram denominadas: **resiliência aos problemas ambientais e mudança de paradigmas**. A partir da **Resiliência Ambiental**, **legislação ambiental**, **mudanças climáticas e solo** estão presentes nas subcategorias. Na subcategoria de **legislação ambiental**, o aspecto extraído foi a questão de que essas **áreas florestais são vistas com outros olhos**, obedecendo uma legislação ambiental existente de preservação. Os sistemas agroflorestais, além da produção, gerando renda, pode ser planejada e implantada em áreas de proteção ambiental, como áreas de proteção permanente (APP) e reserva legal (RL). No trabalho de Canuto *et al.* (2013) foi planejado e avaliado a implantação de um SAF, em áreas protegidas, em conjunto com instituições e agricultores familiares, mostrando a viabilidade de cultivo, preservando o ecossistema. Sobre essa questão, representante de instituição (I04) relata:

Essa questão também de conciliar a produção com a conservação, algumas áreas que são usadas ou vistas pelos agricultores como problema pela legislação ambiental, elas passam a não ter mais esse problema, né, elas passam a serem vistas com outros olhos, reserva legal, APP, elas podem ser usadas desde que como modelo ambientalmente viável, acredito que traz também outro olhar para essas questões legais.

Na subcategoria de **mudanças climáticas**, os aspectos explicitados foram: **aumento da área verde para colheita do gás carbônico; clima e microclima modificados para a alternativa à seca e à geada; viabilidade de manejo hídrico, com auxílio do poder público; e possibilidade de construção de cisternas para o problema da seca**. O estudo de Castro *et al.* (2017) mostra que os sistemas agroflorestais se contribuem efetivamente na diminuição dos gases de efeito estufa, sendo viável sua implantação, além de outras circunstâncias, para esse fim. Esses sistemas podem reduzir o risco de incêndio, aumentar captura de carbono, moderar o microclima e reduzir a erosão do solo da erosão e lixiviação de nutrientes em comparação à agricultura convencional (MORENO *et al.*, 2018).

Contudo, o problema da seca, ainda é um dos principais entraves para os pequenos proprietários rurais. A falta de manejo hídrico, juntamente com empobrecimento do solo, faz com que, em muitos casos, o cultivo fique inviável em algumas épocas do ano. May (2008) esclarece que florestas com uma composição

diversificada contribuem significativamente para a preservação dos recursos hídricos, tanto em quantidades de reservas de água como em qualidade, ainda protegendo as nascentes.

Na subcategoria **Solo**, foram extraídos os aspectos de **melhoramento da terra e preservação e recuperação do solo**. Esses aspectos representam de forma clara a função do SAF no solo. Os sistemas agroflorestais estimulam as funções biológicas do solo, aumentando a biodiversidade, controle de erosão e mantendo ou recuperando a sua fertilidade (ENGEL, 1999). Em pesquisa realizada no assentamento Sepé-Tiarajú, localizado na região canavieira de Ribeirão Preto, com o objetivo de avaliar os efeitos dos SAFs na qualidade do solo do assentamento, Junqueira *et al.* (2013) verificaram que os SAFs foram imprescindíveis na descompactação do solo, controle de erosão, aumento de retenção de umidade, escurecimento do solo, aumento da ocorrência de plantas, melhoria dos cultivos, aumento da ocorrência de minhocas, insetos e outros organismos no solo e diminuição do ataque de pragas e doenças.

A categoria **Mudança de paradigma** originou a subcategoria **biodiversidade**. Ela foi denominada a partir dos seguintes aspectos: **segurança alimentar, fomento à agroecologia, maior diversidade na agricultura, preservação de espécies animais e vegetais, diminuição de insumos agrícolas e agrotóxicos, consciência ambiental e formação e conservação de florestas**.

O conceito de **segurança alimentar**, sofreu diversas modificações ao longo dos anos, no entanto, foi a partir dos anos 90 que se ampliou esse conceito, devido às grandes desigualdades e dificuldade de acesso a alimento pela população mais pobre, e encarecimento dos preços de mercadorias e serviços (NEVES, 2014). Com isso, a Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006 (BRASIL, 2006), que criou o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, foi instituída para assegurar o:

direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.

Assim, o SAF em grande contribuição para que se alcance esses feitos, visto que a produção em agrofloresta **diversifica o cultivo**. Evidência disso, é a pesquisa

elaborada por Neves (2014), no qual analisa a experiência da Cooperafloresta em SAF com objetivo de sua eficiência em relação à segurança alimentar e nutricional e destaca que esse tipo de agricultura, fornece elementos para uma produção diversificada de alimentos e, conseqüentemente, uma alimentação rica e de melhor qualidade, atribuindo, não somente ao agricultor, mas também à população em geral.

Adicionado a isso, a **preservação e resgate de espécies**, muitas vezes ameaçadas de extinção, ainda sofre grandes desafios. De acordo com Ewert *et al.* (2013), existem duas abordagens para a preservação: os ambientalistas e os socioambientalistas. A primeira refere-se ao atual modelo de conservação, no qual o meio ambiente deve ser intocado, correspondendo com toda a ação antrópica como destruidora. Já a segunda, considera o homem como integrante da natureza, sendo essa presença benéfica para a natureza.

Nesse contexto, sendo os SAFs, um processo de conservação de florestas, nos moldes da abordagem socioambientalista, auxilia na conservação e aumento da biodiversidade, pois quanto maior a diversidade de espécies, mais benefícios sistêmicos são adquiridos, na recuperação de áreas degradadas e, ainda, auxilia na renda e qualidade de vida (EWERT *et al.*, 2013).

Outro aspecto mencionado, é a questão **do uso de agrotóxicos na agricultura**. Os SAFs, cultivados de forma agroecológica, contrapõe-se à dependência de fertilizantes, pesticidas e outros insumos agrícolas, característica importantes da produção em monocultura em larga escala (MORENO, 2019). Abaixo é exibido o relato do agricultor 05 (A05):

Eu acho que o principal [pontos positivos da implantação do SAF Doceiro] é a diminuição de agrotóxicos, insumos nas lavouras. Se a gente conseguir eliminar de tudo, sem precisar colocar adubos e inseticidas né, nas plantas, nas frutas, vai ser o ideal né.

A **consciência ambiental**, esbarra no pressuposto de que temos total domínio sobre o meio ambiente, podendo explorá-lo, sem que ele chegue ao seu fim. Nesse sentido, com os padrões de consumo desenfreado e recursos cada vez mais escassos, fica inviável a recomposição da natureza nos moldes que se encaminha (LOUREIRO, 2012). Os SAFs atribuem um saber e uma importância ambiental, no qual essas práticas, ditas de subsistência "determinam assim uma aproximação

fundamental dos ecossistemas atualizando relações mais com o meio, muitas vezes idealizada e tida como utópica perante as condições postas pela modernidade” (BRAGA; SILVA, 2013).

4.3.3 Tradição Doceira

A região na qual se encontra Morro Redondo, junto a outros municípios (Pelotas, epicentro da região, Arroio do Padre, Capão do Leão e Turuçu), foi identificada no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) como área de concentração de grande parte das famílias doceiras, da produção do doce colonial, surgida na zona rural, a transmissão desse conhecimento de saber-fazer o doce e sua reprodução (FREIRE, *et al.* S/D). Para o IPHAN (S/D), “os doces desempenham um papel peculiar na composição da sociedade regional, sendo um elemento cultural que amarra a diversidade de grupos étnicos e sociais que a compõe”.

Quanto ao tema **Tradição Doceira** (Figura 6), três categorias foram inseridas: **Preservação, Inclusão e Produção de Frutas Doceiras**. Da primeira categoria, originou-se uma subcategoria, **Resgate**, dos seguintes aspectos: **Salvaguarda da Tradição Doceira** e **Vínculo com a educação ambiental e preservação da identidade e saber-fazer doceiro de forma colonial**.

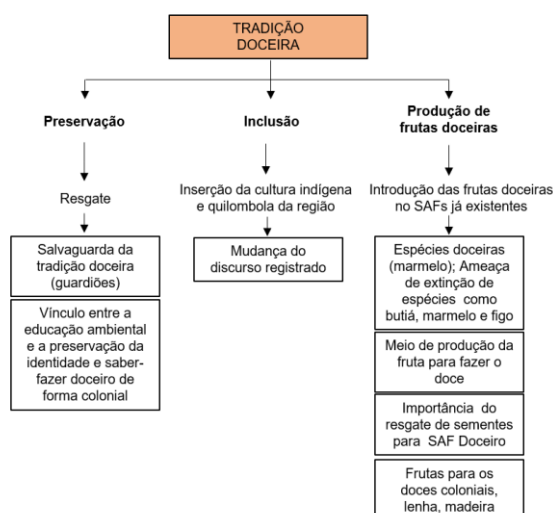


Figura 6 – Aspectos de pertencimento dos integrantes ao Grupo SAF Doceiro relacionados à Tradição Doceira.

Fonte: Autora, 2021.

O processo de salvaguarda da tradição doceira procedente à inscrição no Livro de Registro dos Saberes pelo IPHAN (2018), é primordial para que a identidade e a trajetória familiar sejam continuadas, nas suas formas de fazer o doce colonial ou doce de frutas. Para Arantes (2019), as políticas de salvaguarda, constituem-se como importantes instrumentos de proteção de bens culturais imateriais, desde que levadas em consideração as especificidades sociais locais.

Esse reconhecimento, juntamente com o cultivo em agrofloresta, faz com que o SAF Doceiro auxilie, não só a manutenção dessa tradição, mas também que esses insumos sejam cultivados de forma agroecológica, movimento já característico da região. Outro ponto mencionado é a questão da educação ambiental, muito relacionado à produção agroecológica e em SAFs, vinculada à cultura local. Esse processo de integração social e ambiental contribui para o desenvolvimento de comunidades com bases mais sustentáveis, com objetivos em transformações socioambientais (MORAES; SILVA; SORRENTINO, 2019).

Da segunda categoria mencionada, a subcategoria originada foi **Inserção da cultura indígena e quilombola da região**, a partir do aspecto, **Mudança do discurso registrado**. Apesar da colonização da região ter sido predominantemente pomerana, italiana e francesa, existiu influências afro-descendentes na produção doceira, mesmo que menos expressiva que na zona urbana, com referência aos doces finos, devido a presença de quilombos na região (FERREIRA; CERQUEIRA; RIETH, 2008). Representante de instituição (I01) relata a respeito desse assunto:

...o objetivo é colocar no mesmo local, espécies nativas que são usadas na produção doceira e também, espécies que os doceiros utilizam, para formar caixinhas, as contribuições indígenas, as contribuições quilombolas, em relação a isso, eu acho que vai no futuro, melhorar muito para esse processo de salvaguarda, vai incentivar que outras pessoas comecem a produzir doces, e vejam o doce como uma fonte de renda, porque o que eu tenho notado é que existe um discurso ao redor do doce, que está sendo criado, principalmente a influência alemã, a influência dos descendentes de imigrantes, mas outros sujeitos estão meio que inviabilizados nesse discurso, e o SAF vem, ao meu ver, quando ele traz as espécies que eram usadas por indígenas e quilombolas, ele vem trazer essa diversidade. Então eu espero e confio demais que isso no futuro vai ajudar a mudar esse discurso autorizado do patrimônio em relação às tradições doceiras.

E, por último, da categoria ***Produção de frutas doces***, originou-se a subcategoria ***Introdução das frutas doces nos SAFs***, a partir dos aspectos: ***Ameaça de extinção de espécies doces como butiá, marmelo e figo, SAF como Meio de produção da fruta para fazer o doce colonial, Importância de resgate de sementes para o SAF Doceiro e Frutas para os doces coloniais, além de lenha e madeira***. Frutas como o marmelo e o butiá estão cada vez mais escassos na região. O marmelo, importante fruto para fazer o doce tradicional colonial, é considerada de difícil cultivo para a região, devido ao clima, fazendo com que o fruto perca qualidade, tendo que, em muitos casos, ter de serem comprados por produtores de outras regiões ou até mesmo do Uruguai (RIETH; SILVA; KOSBY, 2015). Com isso, a escassez de sementes de algumas espécies acaba se perdendo, ficando cada vez mais difícil o cultivo. Relato de entrevistada I02 sobre a importância do SAF Doceiro:

...eu acho que a grande importância é que tende a contribuir para preservar espécies que são relativas a essa tradição (doceira), tá?! Para mim, o marmelo é um exemplo emblemático disso. Desde que eu vim para cá, se falava que o marmelo estava terminando, que tinha a praga do marmelo, que não produziam mais né, que tinham que cortar marmelo para fazer doce né. E com a história do SAF, esse é um exemplo concreto, você introduz o marmelo, né. Então eu acho que é isso, nesse sentido que eu vejo o SAF (Doceiro) como um processo de salvaguarda fantástico. Por isso é importante para os agricultores também, né, importante para a sociedade e para eles especialmente.

Outro aspecto mencionado é o ***SAF como meio de produção da fruta para fazer o doce colonial***. Esse cultivo, em agrofloresta possibilita a inserção de diversas espécies, de forma conjunta, tanto frutíferas como utilização da madeira, hortaliças, entre outros (SILVA et al., 2019, ENGEL, 1999), gerando a produção tanto das ***frutas para fazer os doces como de outras espécies necessárias, como a madeira e lenha*** para o fogo e utensílios para a fabricação.

Quanto ao ***resgate de sementes para o SAF Doceiro***, é importante ressaltar a preservação e disseminação de sementes crioulas, no qual os agricultores utilizam técnicas produtivas integradas à natureza, sem utilização de insumos externos, e melhor adaptação ao ambiente cultivado (SILVA; SANT'ANA, 2019). Para Amorim (2016), a reprodução social oriunda da preservação das sementes crioulas favorece para uma maior autonomia do agricultor perante às agriculturas tradicionais.

Com isso, o SAF Doceiro se mostra como uma possibilidade de preservação e resgate dessas espécies essenciais para a salvaguarda da tradição doceira, o que estimula os agricultores a produzir o doce colonial de forma integrada e diversificada, compartilhando saberes e sementes e, possibilitando uma transmissão desse conhecimento.

4.3.4 Outros aspectos observados

Diante da análise dos dados, fica evidenciado que os aspectos referentes ao desenvolvimento territorial foram os mais citados e de forma diversificada. A grande maioria dos agricultores pertencem ao Grupo, dentre outros fatores, para aprendizado sobre SAF e troca de saberes (A02, A03, A04, A05, A06, A09 e A10). Por outro lado, os relatos sobre a tradição doceira foram mais escassos entre os agricultores e mais predominantes entre os representantes das instituições (I01, I02, I03, I04, I05). Apenas duas famílias de agricultores, pertencentes ao Grupo, possuem vínculo direto com a cultura doceira, tendo o certificado da Salvaguarda da Tradição Doceira conferido pelo IPHAN. Contudo, apenas um agricultor não tem interesse em implantar um SAF Doceiro, específico, na propriedade. Conforme o andamento dos encontros, foi se “perdendo” a discussão sobre a tradição doceira e predominando os aspectos ecológicos e de desenvolvimento, tais como o aprendizado sobre SAFs. Esse fato, pode estar relacionado como o andamento do Grupo e, conseqüentemente, com o desenvolvimento de mutirões para a implantação dos SAFs, para posterior à colheita, se pensar nas formas de produção do doce e comercialização.

Outro ponto a ser observado, com a análise das notas de campo, obtidas a partir dos encontros, foi que pôde-se ter a compreensão do quanto está sendo efetiva as ações do Grupo SAF Doceiro de acordo com os aspectos de pertencimento ao Grupo, além de entender os relacionamentos entre os integrantes e de organização do grupo do SAF Doceiro, para a percepção das formas de reprodução social desse processo cultural.

Muitos dos aspectos extraídos a partir dessas notas, evidenciam que, os principais interesses em pertencer ao Grupo, reconhecidos e extraídos por meio das entrevistas, estão sendo atendidos, tais como as trocas de sementes e mudas, a

realização dos mutirões, as trocas de saberes e oficinas sobre SAF, soluções para a seca, preservação de espécies animais e vegetais, inclusive as doceiras, e formação de florestas.

Essa interação está muito relacionada ao capital social existente e construído no Grupo, que conforme Abramovay (2000) a noção de capital social vem em contraponto às ações individuais, no qual existe uma estrutura social de cooperação, buscando o desenvolvimento. Os aspectos relacionados à economia e referentes à renda, apesar de serem relatados nas entrevistas, pouco eram mencionados durante os encontros, corroborando essa noção de capital social, como um ativo de capital. Essas evidências mostram que, na maioria dos casos, os agricultores estão motivados na produção em SAFs, inicialmente, pela qualidade de vida, saúde e interação social. Conforme discutido no estudo de Camargo *et al.* (2019), apesar das fragilidades quanto à questão econômica com a implantação do SAF, esse não era o principal objetivo, visto que os pontos positivos apresentados no estudo foram a produção de alimentos diversa e de qualidade e melhoria no clima.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Grupo Sistema Agroflorestal Doceiro surgiu a partir dos anseios de agricultores e representantes de instituições, pela união de dois tópicos presentes na região: produção agroecológica e a tradição do doce colonial, reconhecida como patrimônio imaterial nacional.

Assim, essa pesquisa teve como objetivo analisar o grupo SAF Doceiro a partir dos principais aspectos de pertencer ao Grupo, e as perspectivas de contribuição para preservação do patrimônio cultural imaterial relacionado às práticas doceiras. Ainda, nesse trabalho foi possível empreender, características gerais de cada entrevistado, bem como a formação do Grupo SAF Doceiro e as relações entre os integrantes. Nesse sentido, como fundo teórico, essa pesquisa contemplou noções de desenvolvimento territorial, agroecologia, sistema agroflorestal, patrimônio cultural imaterial, englobando memória.

A partir da análise dos dados, três grandes temas perpassaram dentre os aspectos de pertencimento ao Grupo SAF Doceiro: Desenvolvimento Territorial, Aspectos Ecológicos e Tradição Doceira. Esses temas emergiram de categorias, subcategorias e, por fim, por aspectos mencionados nas entrevistas e notas de campo.

Primeiramente, pôde-se destacar a importância dada ao relacionamento em grupo, interações e aprendizados. Dentro do tema Desenvolvimento territorial, esses aspectos mostram o quanto é importante a solidariedade e cooperação, tanto para a implantação dos SAFs como para aprendizado e troca de experiências.

Apesar de dois integrantes entrevistados, pertencentes ao Grupo SAF Doceiro, serem detentores do certificado da Salvaguarda da Tradição Doceira conferido pelo IPHAN, poucos agricultores implantaram os seus SAFs ou pretendem implantar com intuito de produção de doces. Para esses agricultores, o Grupo possui a função de aprendizado, relacionamento, troca de mudas, além de aspectos ecológicos. Uma das grandes preocupações dos agricultores é referente à seca. Nesse sentido, eles veem o SAF, como uma alternativa para a preservação hídrica e, no Grupo, uma forma de unificar investimentos para suprir essa problemática com irrigação.

Outro ponto a ser observado é quanto à produção agroecológica. Dos que não produzem dessa maneira, buscam o cultivo em SAF como uma forma de transição agroecológica.

As atividades ou práticas não agrícolas, se sobressaíram a agroindústria e o turismo. A agroindústria foi citada por muitos agricultores como uma possibilidade para a produção no SAF, seja para fornecimento de matéria-prima como para fazer o doce. Já o turismo, apesar da atividade ser vista como algo positivo para a região, no entanto, alguns respondentes não pretendem abrir suas propriedades com foco no turismo.

Por fim, incentivos do poder público, principalmente no que tange a divulgação para a inserção de novos agricultores, detentores do saber-fazer doceiro são necessários. Também, o auxílio técnico desde o plantio, cultivo até a assistência na comercialização e agregação de valor do produto gerado em agrofloresta, vinculado ao território e com relevante identidade local, podem ser decisivos para o sucesso do Grupo e, provavelmente, para o desenvolvimento da região.

Por fim, esse trabalho não se trata de uma conclusão sobre o assunto, visto que o Grupo possui uma estrutura dinâmica e de livre pertencimento, mas de considerações para auxiliar para novos rumos e ações do Grupo SAF Doceiro.

REFERÊNCIAS

- ABDO, M. T.V. N.; VALERI, S. V.; MARTINS, A. L. M. Sistemas Agroflorestais e Agricultura Familiar: uma parceria Interessante. **Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária**, dez 2008.
- ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Economia Aplicada**, n.2, v.4, p. 379-397, abr/jun, 2000.
- ABREU, R.; CHAGAS, M. (Org.). **Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. 320p.
- ADDINSALL, C.; WEILER, B.; SCHERRER, P.; GLENCROSS, K. Agroecological tourism: bridging conservation, food security and tourism goals to enhance smallholders' livelihoods on South Pentecost, Vanuatu. **Journal of Sustainable Tourism**, p. 1- 17, 2016. DOI: 10.1080/09669582.2016.1254221
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5. ed. Porto Alegre: Ufrgs, 1998. 117p.
- AMORIM, L. O. **Plantando semente crioula, plantando agroecologia: agrobiodiversidade e campesinato no Alto Sertão Sergipano**. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2016.
- ARANTES, A. Salvaguarda: Um dispositivo-chave da Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Intangível. **Virtual Brazilian Anthropology**, v. 16, 2019.
- BAGRI, G. S.; KALA, D. Residents' Attitudes toward Tourism Development and Impacts in Koti-Kanasar, Indroli, Pattayur Tourism Circuit of Uttarakhand State, India. **PASOS Revista de turismo y patrimonio cultural**, v. 14, n. 1, p. 23–39, 2016.
- BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural: As possibilidades do planejamento**. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.
- BRAGA, P. C.; SILVA, R. M. A construção do sujeito agroflorestal por meio da ética do habitar: resistência e autonomia na visão de mundo agrofloresteira. In: STEENBOCK, W.; SILVA, L. C.; SILVA, R. O.; RODRIGUES, A. S.; PEREZ-CASSARINO, J.; FONINI, R. **Agrofloresta, ecologia e sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 155-196.
- BRASIL. **Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006**. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências, Brasília, 2006. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11346.htm. Acesso: 06 de mai. 2021.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2 n. 1 (3), p. 68-80, 2005.

CAMARGO, G. M.; SCHLINDWEIN, M. M.; PADOVAN, M. P.; SILVA, L. F. Sistemas agroflorestais biodiversos: uma alternativa para pequenas propriedades rurais. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v.15, n.1, p. 34-46, jan-abr, 2019.

CANUTO, J. C.; MORICONI, W.; NEVES, M. C., BRAGA, K. S. M.; QUEIROGA, J. L.; CAMARGO, R. C. R. Implantação e acompanhamento de um sistema agroflorestal com cultivo diversificado. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, n. 2, 2013.

CARVALHO, R. M.; MIRANDA, C. S.; SOUZA, J. A. S.; MACÊDO, A. N.; BESSA, B. T. A preservação do “saber fazer”: A taipa-de-mão do “Canto do Sabiá”. **Arquitextos**, São Paulo, ano 15, n. 179, Vitruvius, mai 2015. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.179/5533>>. Acesso: 23 mai 2020.

CASTRO, E. G. D. Juventude rural: questões em debate. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, F. N.; JACOVINE, L. A. G.; TORRES, C. M. M. E.; OLIVEIRA, S. N. N.; CASTRO, M. M.; VILLANOVA, P. H.; FERREIRA, G. L. Balanço de Carbono – Viabilidade Econômica de Dois Sistemas Agroflorestais em Viçosa, MG. **Floresta e Ambiente**, 2017.

COLEMAN, J. S. **Foundations of Social Theory**. The Belknap Press of Harvard University Press, Cambridge, Londres, 1990.

CORRÊA, V. P. Desenvolvimento Territorial e a implantação de políticas públicas brasileiras vinculadas a esta perspectiva. **Boletim Regional, urbano e ambiental**, 3, p 23-38, dez. 2009.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativos, quantitativos e misto**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DANIA, W. A. P.; XING, K; AMER, Y. Collaboration behavioural factors for sustainable agri-food supply chains: A systematic review. **Journal of Cleaner Production**, v.186, p. 851-864, 2018.

DUBOIS, J., Classificação e breve caracterização dos SAFs e práticas agroflorestais. In: MAY, P. H.; TROVATTO, C. M., (coord.). **Manual Agroflorestal para a Mata Atlântica**. Brasília: MDA-SAF, 2008. p. 15-62.

ENGEL, V. L. **Introdução aos Sistemas Agroflorestais**. Botucatu: FEPAF, 1999.

EWERT, M.; MENDES, R.; RÉDUA, S.; SEOANE, C. E. Vozes da permanência: a conservação ambiental alcançada com o sistema da agrofloresta. In: STEENBOCK, W.; SILVA, L. C.; SILVA, R. O.; RODRIGUES, A. S.; PEREZ-CASSARINO, J.; FONINI, R. **Agrofloresta, ecologia e sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 393-419.

FAVARETO, A. A Abordagem Territorial do desenvolvimento rural – mudança institucional ou “inovação por adição”? **Estudos Avançados**, v.24, n.68, p.299-319, 2010.

FERNANDES, L. A.; COTRIM, D. Ecological economics and agroecology: a touch of radicalism applied to Brazil. In: RAPPAPORT, D. B.; GONZÁLEZ, G. C. **Ecological Economics and Social-Ecological Movements: Science, policy and challenges to global processes in a troubled world**. Casa Abierta al tiempo: Universidad Autónoma Metropolitana. México, 2019. p. 541-557.

FERREIRA, M. L. M.; CERQUEIRA, F. V. Mulheres e doces: o saber-fazer na cidade de Pelotas. **Patrimônio e Memória**, v.8, n.1, p.255-276, 2012. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/156/359>. Acesso em: 23 mai 2020.

FERREIRA, M. L. M. CERQUEIRA, F. V.; RIETH, M. F. S. O doce pelotense como patrimônio imaterial: diálogos entre o tradicional e a inovação. **MÉTIS: história & cultura**, v. 7, n. 13, p. 91-113, 2008.

FIGUEIREDO, M. D.; CAVEDON, N. R. Transmissão do Conhecimento Prático com Intencionalidade Incorporada: Etnografia numa Doceria Artesanal. **RAC**, v. 19, n. 3, p. 336-354, 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. [recurso eletrônico]. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCO, F. S.; OLIVEIRA, J. E.; ÁLVARES, S. M. R. Construção participativa do conhecimento agrofloresta e monitoramento de indicadores de sustentabilidade em assentamentos rurais na região de Iperó, SP. In: CANUTO, J. C. **Sistemas agroflorestais: experiências e reflexões**. Brasília, DF: Embrapa, 2017. p. 14-36.

FREIRE, B. M.; RIETH, F. M. S.; CERQUEIRA, F. V.; FERREIRA, M. L. M.; KOSBY, M. F.; SILVA, T. L. **Dossiê de Registro da Região Doceira de Pelotas e Antiga Pelotas (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu)/RS**. IPHAN, S/D. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_%20tradicoes_doceiras_de_pelotas_antiga_pelotas.pdf. Acesso: 08 mai. 2021.

FREITAS, M; PEREIRA, E.R. O diário de campo e suas possibilidades. **Quaderns de Psicologia**, v.20, n.3, p.235-244, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1461>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIULIANI, Elisa. Network dynamics in regional clusters: Evidence from Chile. **Research Policy**, v. 42, n. 8, p. 1406-1419, 2013.

GLIESSMAN, Stephen R.. **Agroecologia: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável**. Porto Alegre: Ufrgs, 2000. 181 p.

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Org.). **Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. 320p.

GONZÁLEZ, S.R.; PEREIRA, V.C.; DAL SOGLIO, F.K. A Perspectiva Orientada ao Ator em estudos sobre Desenvolvimento Rural. **Perspectivas Rurales Nueva época**, v.13, n.25, p.101-121, 2015.

GRANEHEIM, B.; LUNDMAN, B. Qualitative content analysis in nursing research: concepts, procedures and measures to achieve trustworthiness. **Nurse Education Today**, v. 24, p.105-112, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Histórico de Comercialização de Agrotóxicos 2000-2018**. [online]. Disponível em: <http://ibama.gov.br/agrotoxicos/relatorios-de-comercializacao-de-agrotoxicos#historicodecomercializacao>. Acesso: 03 mai. 2020.

ILCA - INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA ANDREIA ROQUE, I. B. **Estudo preliminar da cadeia produtiva: turismo rural Brasil**, 2013. Disponível em: <<http://www.institutobrasilrural.org.br/pdf/estudo.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Tradições Doceiras da Região de Pelotas e Antiga Pelotas (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo, Turuçu). **Livro de Registro dos Saberes - Bens Culturais Imateriais**, 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/496>. Acesso: 10 mai. 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Tradição Doceira da Região de Pelotas e Antiga Pelotas (RS)**. [site]. S/D. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1767/>. Acesso: 08 mai. 2021.

JUNQUEIRA, A. C. et al. Sistemas agroflorestais e mudanças na qualidade do solo em assentamento de reforma agrária. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 8, n. 1, p.102-115, 2013.

KHADKA, D.; ARYAL, A.; BHATTA, K.P.; DHAKAL, B.P.; BARAL, H. Agroforestry Systems and Their Contribution to Supplying Forest Products to Communities in the Chure Range, Central Nepal. **Forests**, v. 12, n. 358, p. 1-20, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/f12030358>.

LEITE, A. F.; MENEZES, S. S. A resistência e permanência de agricultores familiares no meio rural alicerçada pela produção de iguarias derivadas da mandioca. **Revista de Geografia**, v. 30, n. 2, 2013.

LIMA, M. A. D. S.; ALMEIDA, M. C. P.; LIMA, C. C. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.20, n. especial, p.130-142, 1999.

LONG, N.; PLOEG J. D. Heterogeneity, actor and structure: toward a reconstitution of the concept of structure. In BOOTH, D (ed.) **Rethinking Social Development: theory, research and practice**. England: Longman, 1994. p.62-90.

LOUREIRO, C. F. B. **Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política**. São Paulo: Cortez, 2012.

LOURENÇO, A. V.; REIS, C. M.; VOLKMER, G.; WITT, J. R.; CARVALHO, N. F. Desenvolvimento sustentável e agroecologia. In: SOGLIO, F. K.; KUBO, R. R. (Org.). **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p.39-56.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. (tradução). São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

MARQUES, F.C; KRONE, E. E.; CRUZ, P. P.; SCHNEIDER, M. Produzir e comer agroecológico: saberes e viveres em transformação. In: MENASCHE, R. **Saberes e sabores da colônia: alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. 344 p.

MAY, P. H. Viabilidade Financeira, Renda Familiar e Serviços Gerados por SAFs. In: MAY, P. H.; TROVATTO, C. M., (coord.). **Manual Agroflorestral para a Mata Atlântica**. Brasília: MDA-SAF, 2008. p. 63-94.

MENASCHE, Renata. Os grãos da discórdia e o risco à mesa: um estudo antropológico das representações sociais sobre os cultivos e alimentos transgênicos no Rio Grande do Sul. 2003. **Tese de doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MENEZES, S. de S. M. A força dos laços de proximidade na tradição e inovação no/do território sergipano das fabriquetas de queijo. 2009. 360f. **Tese (Doutorado em Geografia)** – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia. UFS, São Cristóvão, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466 de 12 de dezembro de 2012. **Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos**. Bioética. 2012. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso: 10 jul 2020.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo Rural: Orientações Básicas**, 2010. Disponível em:

http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Rural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 3 mai. 2021.

MORAES, F. C.; SILVA, R. F.; SORRENTINO, M. Agroecologia e educação ambiental: ferramentas de análise e a construção de conhecimentos. **Revista de Educação Ambiental**, v. 24, n. 2, 2019.

MOREIRA, P. L. Desenvolvimento Sustentável e relações sociais de produção. In: CAMARGO, J. S.; SOUZA, G.Q (org). **Sustentabilidade: Muito a dizer...** 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.

MORENO, D. A. E. Agricultura Ecológica y Soberanía Alimentaria en México: El potencial para producir maíz y frijol bajo sistemas de producción ecológica. In: RAPPAPORT, D. B.; GONZÁLEZ, G. C. **Ecological Economics and Social-Ecological Movements: Science, policy and challenges to global processes in a troubled world**. Casa Abierta al tiempo: Universidad Autónoma Metropolitana. México, 2019. p. 487-500.

MORENO, G.; AVIRON, S.; BERG, S.; CROUS-DURAN, J.; FRANCA, A.; GARCÍA DE JALÓN, S. HARTEL, T.; MIRCK, J.; PANTERA, A.; PALMA, J. H. N.; PAULO, J. A.; RE, G. A.; SANNA, F.; THENAIL, C.; VARGA, A.; VIAUD, V.; BURGESS, P. J. Agroforestry systems of high nature and cultural value in Europe: provision of commercial goods and other ecosystem services. **Agroforest Syst**, v. 92, p. 877–891, 2018.

NEVES, P. D. M. Sistemas agroflorestais como fomento para a segurança alimentar e nutricional. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 41, n. 2, p. 404-421, 2014.

OLIVEIRA, M. F., MENDES, L., & VAN HERK VASCONCELOS, A. C. Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, n. 2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.222727>

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato. A escrita de diários na formação docente. **Educação em Revista**, v. 28, n. 1, p.181-210, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000100009>

PALUDO, R.; COSTABEBER, J. A. Sistemas agroflorestais como estratégia de desenvolvimento rural em diferentes biomas brasileiros. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 7, n. 2, p. 63-76, 2012.

PELEGRINI, S. C. A gestão do patrimônio imaterial brasileiro na contemporaneidade. **História**, v.27, n.2, São Paulo, 2008.

PEREIRA, V. C. Agrobiodiversidade ameaçada: os direitos dos agricultores e os riscos da contaminação transgênica. In: SOGLIO, F. K.; KUBO, R. R. (Org.). **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 75-92.

PLANO MUNICIPAL DE SANEAMENTO BÁSICO DE MORRO REDONDO. Caracterização Geral do Município. Disponível em: <https://www.camaramorroredondo.com.br/projetos/2016/201624-a1.pdf>. Acesso em: 16 jun 2020.

REICHERT, L. J.; CARDOSO, J. H.; SCHIAVON, L. K.. Sistema Agroflorestal como alternativa de produção e geração de renda na agricultura familiar. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, mai 2016. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/19936>>. Acesso em: 19 mai 2020.

RIETH, F. M. S.; SILVA, T. L. da; KOSBY, M. F. Linhagens da produção, disseminação e atualização do saber-fazer doceiro: a tradição dos doces coloniais na zona rural de Pelotas. In: MENASCHE, R. **Saberes e sabores da colônia: alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. 344 p.

RODRIGUES, A. S.; FERREIRA, A. D. D. As estratégias da reprodução social dos agricultores familiares da Cooperafloresta: um estudo de caso sobre os processos de reciprocidade e solidariedade. In: STEENBOCK, W.; SILVA, L. C.; SILVA, R. O.; RODRIGUES, A. S.; PEREZ-CASSARINO, J.; FONINI, R. **Agrofloresta, ecologia e sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 125-154.

SALAMONI, G.; WASKIEVICZ, C. A. Serra dos Tapes: espaço, sociedade e natureza. **Tessituras**, Pelotas, v. 1, n. 1, jul./dez. 2013. p. 73-100.

SANTOS, B. S.; CHAUI, M. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, M. J. C.; PAIVA, S. N. Os sistemas agroflorestais como alternativa econômica em pequenas propriedades rurais: estudo de caso. **Ciência Florestal**, v. 12, n. 1, p.135-141, 2002.

SANTOS, R. S. S. S.; PALAVIZINI, R.; CATALÃO, V. M. L. Entre saberes, identidades e territórios. **Ambiente & Educação**, v. 24, n.2, p.267-286, 2019.

SILVA, A. S. O.; OLIMPIO, S. C. M.; SARGES, S. G.; ALMEIDA, W. L. L.; PARAENSE, V. C. Viabilidade econômica de um sistema agroflorestal no município de Breu Branco – PA. **InterEspaço**, v. 4, n. 13, p.169-183, 2018.

SILVA, D. P.; SANT'ANA, A. L. Identificação e caracterização dos guardiões de sementes crioulas dos Assentamentos rurais do Território Prof. Cory/Andradina – SP. **Revista Retratos de Assentamentos**, v. 22, n. 2, p. 281-307, 2019.

SILVA, E. B. R.; SILVA, W. C.; SOUSA, E. D. V.; GATO, A. P. C., ARAÚJO, L. J. S. Sistemas Agroflorestais como alternativa agroecológica: Revisão. **Pubvet**, v.13, n.2, a265, p.1-6, Fev., 2019.

SILVA, S. U. P.; PAULETTO, D.; MOTA, C. G.; NASCIMENTO, G. C. S.; SANTOS, J. A. C.; RODE, R.; NOCE, R. Viabilidade econômica de sistemas agroflorestais em Novo Progresso (PA). **Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais**, v.9, n.6, p.28-36, 2018.

SILVA, R. O.; STEENBOCK, W. Aspectos pedagógicos no processo de ensino-aprendizagem de agrofloresta, no âmbito da COOPERAfloresta. In: STEENBOCK, W.; SILVA, L. C.; SILVA, R. O.; RODRIGUES, A. S.; PEREZ-CASSARINO, J.; FONINI, R. **Agrofloresta, ecologia e sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 61-88

SOGLIO, F. K. A agricultura moderna e o mito da produtividade. In: SOGLIO, F. K.; KUBO, R. R. (Org.). **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 11-38.

SOUZA, A. P. G.; CARNEIRO, R. F.; PEREZ, S. M.; OLIVEIRA, E. R.; REALI, A. M. M. R.; OLIVEIRA, R. M. M. A. A escrita de diários na formação docente. **Educação em Revista**, v.28, n.1, p.181-209, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000100009>

SOUZA, L. de; FLORIT, L. F.; MARTINS, L. H. S. A multifuncionalidade e a interdisciplinaridade e seus reflexos no processo de desenvolvimento do espaço rural. **Anais do VII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul, set. 2015.

SOUZA, M. M. O. Agroecologia em Goiás: diferentes perspectivas no desenho de redes agroecológicas. In: SOUZA, M. M. O. (Org.). **Agroecologia: diversidade, movimento e resistência**. Ed. Anápolis: Editora UEG, 2019.

SOUZA, P. O.; SILVA, R. O. Breve História da Cooperafloresta e do Pedro, contada por ele mesmo. In: STEENBOCK, W.; SILVA, L. C.; SILVA, R. O.; RODRIGUES, A. S.; PEREZ-CASSARINO, J.; FONINI, R. **Agrofloresta, ecologia e sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 25-38.

STEENBOCK, W., SILVA, R. O., FROUFE, L. C. M., SEOANE, C. E. Agroflorestas e sistemas agroflorestais no espaço e no tempo. In: STEENBOCK, W.; SILVA, L. C.; SILVA, R. O.; RODRIGUES, A. S.; PEREZ-CASSARINO, J.; FONINI, R. **Agrofloresta, ecologia e sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 39-60.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Patrimônio Cultural Imaterial**. [online]. Disponível em:

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>. Acesso em: 6 fev. 2020.

VEIGA, J. E. A face territorial do desenvolvimento. **Interações: Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v.3, n.5, p.5-19, 2002.

VEZZANI, F. M. Primeiras Palavras. In: STEENBOCK, W.; SILVA, L. C.; SILVA, R. O.; RODRIGUES, A. S.; PEREZ-CASSARINO, J.; FONINI, R. **Agrofloresta, ecologia e sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 15-24.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

YILMAZ, Y; EL-GAMIL, R. Cultural Heritage management in Turkey and Egypt: a comparative study. **Advances in Hospitality and Tourism Research**, v. 6, n. 1, p.68-91, 2018. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/tr/pub/ahtr/issue/38473/446254>. Acesso: 05 mai 2020. DOI: 10.30519/ahtr.446254

WEBER, F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200007>

WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice: A review. **Agron. Sustain. Dev.**, v. 29, p. 503-515, 2009. Doi: <https://doi.org/10.1051/agro/2009004>

Apêndices

Apêndice A – Roteiro de Entrevistas com os agricultores

Nº _____

Data ____/____/____

Dados de identificação do respondente

Sujeito:

Idade:

Gênero:

Grau de Escolaridade:

Profissão:

Ocupação atual:

Contato:

Local entrevista:

Nome Propriedade:

Localidade:

Coordenadas: ____° , ____' , ____' , ____ S ____° , ____' , ____" , ____ N

Local da entrevista:

Membros da Família:

1. Pequeno Histórico da Família e da propriedade:
2. Qual o tamanho da propriedade?
3. Qual principal fonte de renda?

4. O que é produzido na propriedade?
5. De forma convencional ou agroecológica?
6. Tens SAF na propriedade? () Sim () Não
Se sim, que espécies ou cultivares?
7. Pertence a tradição doceira? () Sim () Não
Se sim, de que maneira?
8. Produz o doce colonial?
9. Por que estás participando do grupo SAF Doceiro?
10. Qual tamanho da área que pretendes fazer teu SAF Doceiro?
11. Quais cultivares queres colocar?
12. Pretendes utilizar o SAF para uso/consumo próprio ou para comercializar os produtos? Se pretendes comercializa, de que forma (em que canais)?
13. Pretendes participar dos mutirões? Convidará para realizar mutirão em sua propriedade?
14. Recebe turistas em sua propriedade?
Se sim, quais principais atrativos?
Se não, vê a possibilidade de desenvolvimento turístico em sua propriedade?
Porquê?
15. Você considera o SAF Doceiro como uma possibilidade de desenvolvimento turístico para a região? E para a Propriedade?

16. Quais principais pontos positivos que podem surgir com a implantação do SAF Doceiro na propriedade?

17. Quais principais pontos negativos que podem surgir com a implantação do SAF Doceiro na propriedade?

Apêndice B – Roteiro de Entrevistas com o técnico da Emater/RS-Ascar, pesquisadores da Embrapa e UFPel e representante da administração pública local.

Nº _____

Data ____/____/____

Dados de identificação do respondente

Sujeito:

Idade:

Gênero:

Grau de Escolaridade:

Profissão:

Entidade:

Contato:

Local entrevista:

- 1) Pertence ao Grupo SAF Doceiro desde quando?
- 2) Por que estás participando do grupo SAF Doceiro?
- 3) Por que você considera o SAF Doceiro importante para os agricultores participantes?
- 4) Você considera que o SAF Doceiro irá contribuir para o desenvolvimento territorial rural? Se sim, por quais motivos?
- 5) Quanto ao modo de produção agroecológico e em agrofloresta, quais os benefícios para os agricultores nesses modos de produção?
- 6) Você acha que o SAF Doceiro incentivará na Política de Salvaguarda da Tradição Doceira?
- 7) Você acha que o SAF Doceiro incentivará outras atividades não-agrícolas nas propriedades dos participantes? Quais?
- 8) O que você acha que pode auxiliar para dar mais visibilidade e adesão para que se torne um projeto para o desenvolvimento rural?

- 9) Porque você acha que esse grupo conseguiu desenvolver esse relacionamento entre os integrantes, quanto ao envolvimento?

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Está sendo realizada uma pesquisa intitulada “Sistema Agroflorestal Doceiro: desenvolvimento territorial através da agroecologia e do patrimônio cultural imaterial”, com o objetivo de analisar o Grupo SAF Doceiro a partir de motivações de sua formação e de pertencimento ao grupo. Para a realização desta pesquisa estão sendo realizadas entrevistas junto à 15 agricultores pertencentes ao Grupo Sistema Agroflorestal Doceiro, além de dois técnicos, dois pesquisadores e um agente da política local.

A Pesquisa é da pós-graduanda Tatiana Porto de Souza, a orientação é da Prof^a Dr^a Luciara Bilhalva Corrêa e a coorientação do Prof. Dr. Lúcio André de Oliveira Fernandes, ambos da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa consta de uma entrevista com questões à respeito da formação do SAF Doceiro, as motivações de pertencer ao Grupo e as relações entre os participantes,

Todas as informações resultantes da entrevista serão de uso exclusivo para o estudo de caso, sendo utilizadas com a única finalidade de fornecer elementos para a realização da investigação para a dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de Pelotas, ou dos relatórios e artigos que dela resultem. O entrevistado tem garantia total de sigilo e liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado, bem como, se a consentir, ter a garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa. Em nenhum momento os dados coletados serão utilizados para qualquer medida punitiva ou de fiscalização.

Qualquer dúvida ou informação a respeito da pesquisa poderá ser esclarecida diretamente com a orientadora da mesma, a Prof^a Dr^a Luciara Bilhalva Corrêa pelo e-mail luciarabc@gmail.com.

Eu, _____ concordo em participar voluntariamente desta pesquisa.

Pelotas, ____ de _____ de 2020.

Entrevistado: _____

Assinatura: _____

Entrevistadora: Tatiana Porto de Souza

Assinatura: _____